PARANHANA
LITERÁRIO

editora JM2D
ano 03
edição 15
janeiro/fevereiro de 2023

POESIA
CONTO
CRÔNICA
ENTREVISTA
LIVRO
OPINIÃO
RESENHA
RESISTÊNCIA

"Só que homossexualidade não existe, nunca existiu. Existe sexualidade - voltada para um objeto qualquer de desejo. Que pode ou não ter genitália igual, e isso é detalhe. Mas não determina maior ou menor grau de moral ou integridade." Caio F.

POBRE DE ESPÍRITO, QUEM TENTA MATAR A ARTE!

Não tem como iniciar as publicações deste ano sem lamentar e se indignar com os atentados contra a democracia e com as obras de artes que foram destruídas, ou danificadas pela invasão ocorrida nas sedes dos três poderes em Brasília.

Ainda que seja muito provável que os autores do delito sequer sabiam que esfaquearam "As Mulatas", obra de valor imensurável de Di Cavacalti, talvez não soubessem nem mesmo quem foi o pintor modernista, ainda assim não ameniza a brutalidade tosca que foi a agressão a obra. A arte, os artistas, sempre foram demonizados pelo governo antecessor, mas parece que seus seguidores seguem convictos de que isso é bom para a sociedade.

Temos um Brasil novo para colorirmos e suscitarmos todo tipo de sentimento pela frente, e nós, da Revista Paranhana Literário convidamos você Leitor e Leitora para que juntos sejamos um canal altivo e perseverante na defesa da arte e da cultura, tão caros ao desenvolvimento dos sujeitos.

Nesta primeira edição da Paranhana Literário, em nome da arte e do seguimento que representamos de produtores de arte, gritamos que "por mais rosas que os poderosos matem, nunca conseguirão deter a primavera".

Os editores

Foto: Divulgação

*** As marcas da barbárie cometida contra a arte e cultura brasileiras**

* Paranhana Literário é uma produção da Editora JM2D
Rua Clemente Heidrich, 37
Igrejinha/RS
Cep 95650-000

Email:
editor@jm2d.com.br

whatsapp:
(51)981368526

* Revista digital voltada para a publicação e divulgação da cultura e literatura brasileira produzida a partir do Vale do Paranhana

* Distribuição gratuita

* Os textos assinados são de responsabilidade de seus autores

* Para publicar na revista entre em contato por email ou whatsapp

EDIÇÃO, ENTREVISTAS, DIAGRAMAÇÃO E ARTE :
Doralino Souza

CURADORIA E REVISÃO:
Ana Braz
Valter Ribeiro

REDES SOCIAIS:
Manu Crippa

DESENVOLVEDOR WEB
Junior Souza

*** Periodicidade bimestral**

***Data dessa edição:**
Janeiro e fevereiro de 2023

CONTATO:
editor@jm2d.com.br

DOIS E DOIS: QUATRO

Como dois e dois são quatro
sei que a vida vale a pena
embora o pão seja caro
e a liberdade pequena

Como teus olhos são claros
e a tua pele, morena
como é azul o oceano
e a lagoa, serena

como um tempo de alegria
por trás do terror me acena
e a noite carrega o dia
no seu colo de açucena

— sei que dois e dois são quatro
sei que a vida vale a pena
mesmo que o pão seja caro
e a liberdade, pequena

Ferreira Gullar

Foto: jamarattigan.com

Foto: Divulgação

A imagem de um Brasil mais plural. Oito representantes do povo brasileiro sobem a rampa com o presidente Lula, uma criança, uma mulher, um negro, um índio, um metalúrgico e um deficiente (e a cadela Resistência). Depois de quatro anos de um governo excludente, eis um aceno de um Brasil para todos.

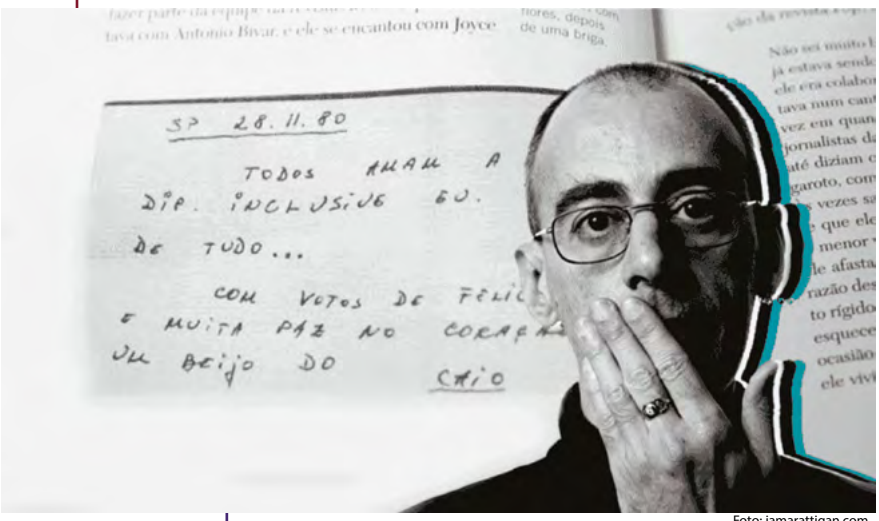


Foto: jamarattigan.com

CAIO FERNANDO ABREU

PRESENTE

Caio Fernando Abreu é considerado um dos maiores contistas do país. Foi agraciado três vezes pelo "Prêmio Jabuti de Literatura". Nasceu no dia 12 de setembro de 1948, em Santiago/RS. A relação com a Literatura aconteceu precocemente: aos seis anos de idade. E ele viria a ser um dos escritores mais populares e queridos da Literatura brasileira: sua linguagem e temática transgressoras, além do interesse pelo não literário, já que sua produção passa longe dos cânones da Academia e foge às regras, tornaram a obra do escritor atemporal.

Por romper com os padrões, empregando uma linguagem acessível e mais próxima ao coloquialismo, o escritor angariou uma legião de fãs e leitores, que compartilham frases e trechos de sua obra à exaustão nas redes sociais. Isso contribuiu para a disseminação e popularização do gaúcho que encontrou na cultura pop (o escritor dizia ter descoberto mais influências para sua Literatura na música de Cazuza e Rita Lee do que na obra de Graciliano Ramos) uma de suas maiores inspirações.

Mas a narrativa psicológica e o hibridismo de linguagens denotam em sua obra influências de Clarice Lispector (representante da Geração de 1945 e uma das maiores vozes femininas da Literatura brasileira), Hilda Hilst, Gabriel García Márquez e Julio Cortázar, autores de quem Caio era leitor voraz.

Homossexual assumido em uma época em que o normal era permanecer dentro do armário e adepto da contracultura (apologia às drogas, às bebidas e ao sexo livre), Caio Fernando Abreu foi, obviamente, perseguido pela Ditadura Militar. Os milicos de ontem e de hoje têm ojeriza a tudo aquilo que foge da cartilha convencional da família tradicional cristã (seja lá o que isso signifique realmente!).

Faleceu em Porto Alegre, no dia 25 de fevereiro de 1996, aos 47 anos, vítima de complicações decorrentes do vírus HIV.

Foto: jamarattigan.com

O LIVRO ESSENCIAL

O quarto livro de contos de Caio Fernando Abreu, "Morangos Mofados" foi publicado em 1982, quando seu autor tinha apenas 34 anos. Essa obra foi escrita ao longo dos três anos anteriores. O conto que empresta o nome à coletânea, por exemplo, foi produzido no segundo semestre de 1979. Eleito por muitos críticos literários como o melhor título ficcional de 1982, "Morangos Mofados" foi revisado pelo autor em 1994, dois anos antes de falecer. Assim, depois de 1995, toda nova edição desse livro já vem com alterações em sua forma. Segundo Abreu, "Nada em seu conteúdo ou estrutura foi modificado, mas a pontuação foi retrabalhada, novos parágrafos foram abertos ou eliminados etc.".

A FEIRA DO LIVRO DO CHALÉ DA PRAÇA XV

Foto: Divulgação

O organizador Adeli Sell e a editora Cris Loeff.

Escritores de vários estilos e gerações encontram-se em uma feira de livros em um dos mais tradicionais bares e restaurantes de Porto Alegre, capital gaúcha; o Chalé da Praça XV. Localizado no Centro Histórico da cidade, na Praça XV de Novembro, nas imediações do Mercado Público e do Paço Municipal, o prédio datado de 1911 foi tombado pelo Patrimônio Público Municipal, mas manteve sua função de restaurante e local de eventos, principalmente culturais. E é nesse local, tradicional ponto de encontro de várias gerações, que desde o mês de agosto de 2022, escritores se reúnem um sábado por mês para venderem suas obras diretamente aos leitores, bem como para trocarem experiencias, dialogar sobre livros e literatura e tomar um chope nas quentes tardes Porto-alegrense.

De acordo com Adeli Sell, o organizador da Feira do Livro do Chalé da Praça, o livro não pode criar pó nas estantes das livrarias e muito menos nas casas. “O Brasil lia e lê muito pouco, mas isso pode mudar”, sentencia. Adeli também é escritor e um conhecido agitador cultural da cidade, diz que, com seu aprendizado como livreiro, professor e incentivador de doações e troca de livros, achou que os porto-alegrenses mereciam ter autores e livros reunidos em um espaço simbólico e querido da cidade. “Então, para marcar os 250 anos de Porto Alegre, chamei alguns autores e resolvemos iniciar uma Feira de Livros no Chalé da Praça XV. No entanto, a coisa não ficou somente em uma feira datada, continuou nos meses seguintes, cada vez com mais adesão dos autores. Já ocorreu cinco edições, além disso, realizamos alguns lançamentos individuais”.

Foto: Divulgação

Não existe taxa de inscrição ou qualquer custo para o autor participar, basta trazer seus livros e se juntar aos demais, que expõem nas mesas do bar, numa área que fica à disposição do grupo. Até agora mais de 70 escritores participaram, alguns, em todas as edições, outros, esporadicamente. A feira é democrática e congrega todos os estilos narrativos ou segmento literário, desde poesia, conto, crônica, literatura infantil e não ficção. Participam, tanto autores já consagrados, com suas carreiras sólidas, como estreantes, que encontram na Feira uma forma de se fazerem conhecidos. Também, devido ao seu sucesso, a Feira foi abrigando autores de outras regiões e cidades, promovendo assim, uma verdadeira confraternização entre escritores e escritoras. Ainda nas palavras de Adeli, a efeméride vai continuar uma vez por mês e vai se estender para o piso superior do Mercado Público de Porto Alegre.

Foto: Divulgação

APOIO CULTURAL

Arte 24 horas por dia, 365 dias por ano.

Fotos: Divulgação

arteviva

um alento no caos

www.radioarteviva.com

O ESCRITOR QUE VAI AONDE OS LEITORES ESTÃO

Foto: Divulgação

A primeira vez que o escritor Wesley Barbosa esteve na Flip (Feira Internacional de Paraty) foi em 2019, quando largou o emprego para viver somente de literatura. Ele já vendia livros de mão em mão desde 2016, mas depois daquela Flip a coisa se intensificou. Em 2022 retornou à Feira para divulgar e vender o romance Viela Ensanguentada. "Estar em um lugar pela literatura, por causa dos livros e da poesia é gratificante, a Flip é o Natal dos poetas, como já disse Giovani Baffô. Eu concordo em partes, porque ainda falta espaço para escritores e escritoras da quebrada, mas é um local onde sempre vou querer estar por meu amor aos livros.", avalia. O escritor acha o máximo ter a oportunidade de vender seus próprios livros. Conta que já foi vendedor ambulante na adolescência e, em 2016, quando seu livro "O diabo na mesa dos fundos" foi publicado pela editora Selo Povo, a primeira coisa que fez foi sair vendendo o livro de mão em mão. "Eu saía de Itapecerica da Serra, passava por debaixo da catraca e voltava com dinheiro nos bolsos. Hoje eu vendo livro para todo o brasil por causa da internet. Meus livros não estão nas livrarias, mas chegam em vários estados do país. Em lugares que eu nunca fui minha alma tem ido junto com essas histórias que escrevo. O melhor de tudo é conseguir viver disso! Eu nunca pensei ser possível viver de literatura. Hoje acho completamente possível: se estivesse em um trabalho com carteira assinada com certeza estaria em profunda depressão, mas estou escrevendo, produzindo, e vivendo disso, do que escrevo.", filosofa. O escritor mantem contato direto com os leitores através do Instagram ou nas feiras literárias que frequenta como expositor. No entanto ele também admite que a obra literária precisa ter qualidade. " Se o livro for ruim, não vai adiantar nenhum esforço, nenhum marketing, fatores como uma boa edição, revisão, capa e diagramação também importam. E estar disposto a fazer o livro ser lido. Você tem que ser apaixonado". Um proletário da palavra, ele se define e diz estar disposto a fazer o seu livro ser lido. O autor revela que, com essa estratégia, conseguiu vender mil exemplares do romance Viela Ensanguentada em menos de um mês.

Foto: Divulgação

O escritor mantem contato direto com os leitores através do Instagram ou nas feiras literárias e escolas que frequenta como expositor.

Foto: Divulgação

Foto: Divulgação

Foto: Divulgação

Foto: Divulgação

"Este ano foi muito bom saber que havia uma escritora negra como Maria Firmina dos Reis sendo homenageada na FLIP. Fiquei muito feliz mesmo. Também ao que me parece havia autores negros nas mesas. Achei incrível saber que a Cidinha da Silva estava lá. O Christiano Aguiar passou em meu Stand e disse que estava mediando mesas quase todos os dias. Ele é do nordeste, publicou um livro pela Companhia das letras, o seu maravilhoso Gótico Nordestino, que tá fazendo um baita sucesso. Eu não tive tempo pra prestar atenção no monopólio, mesmo sabendo que tem, porque estava criando meus próprios leitores dentro de um espaço minúsculo que fiz acontecer. É óbvio que nem todos podem participar como convidados da FLIP, mas antes era pior. O lugar continua elitizado, mas tem alguns dos nossos lá e isso já é um belo começo."

"Eu sou aceito pelos leitores que estão me lendo e isso é a maior conquista. Eu vim da favela. Já passei fome. Nunca tive incentivo pra nada. Em casa ninguém lia livros. Eu fui mordido pelo bichinho da curiosidade e me tornei um leitor. Não demorou muito para eu começar a escrever as minhas próprias histórias. Antigamente eu andava com uns sapatos furados e rascunhos de contos nos bolsos. Mostrava para as pessoas e quase ninguém dava bola. Não tenho divulgação constante nos jornais porque tem sido difícil espaço pra literatura na mídia tradicional, mas e daí? Sem assessoria de imprensa e editora grande por trás, todos os dias algum leitor fala do meu livro, ou me manda mensagem dizendo que amou a obra. De vez em quando escrevem uma resenha ou outra. Não faz muito tempo o Viela Ensanguentada saiu indicado no Estadão na mesma coluna em que estava sendo indicado os Racionais. Tudo isso porque não esperei que me aceitassem através da chancela de uma editora grande. Fui pra cima dos leitores com livros embaixo dos braços e hoje sou lido por uma quantidade considerável de pessoas."

"Viela Ensanguentada é a história de Mariano, um apaixonado por livros que mora nessa viela sinistra onde coisas terríveis acontecem. Dois criminosos estão na cola dele, mas um cachorro que poderia ser uma entidade do candomblé enviada pela mãe de Santo Matilde, segue ele pelas vielas para protegê-lo desses dois assassinos. Essa é uma sinopse breve do livro que, para minha felicidade já vai pra sua terceira reimpressão, mas não parei aí, em 2023 tem livro novo, uma novela sobre as tragédias da vida."

Wesley Barbosa nasceu em Itapecerica da Serra (SP), em 1990 e, portanto, fala com muita legitimidade desse universo da periferias. Publicou os livros O diabo na mesa dos fundos (2016) e Parágrafos fúnebres (2020), e o romance Viela ensanguentada (2022).

Foto: Divulgação

Robertson Frizero em

ESCRITORES TAMBÉM SE DIVERTEM

Numa madrugada de insônia, você não quer escrever, o que faria?
Assisto o reality show de competição mais estranho que houver nas plataformas de 'streaming' – de preferência, um que eu já tenha visto. Recentemente, fiquei viciado em um desses shows – os participantes têm que reproduzir salgadinhos e docinhos famosos, de Cheetos a Pringles... Vi três vezes a única temporada disponível!

E se você pudesse cantar uma música no "The Voice" qual seria?
"Vingança", de Lupicínio Rodrigues. Cheio de ódio na interpretação.

Você acredita no Pé Grande? Por quê?
Sim! Vejo ele como um primo distante. Eu calço 45.

Se um filme sobre sua vida fosse produzido, qual ator interpretaria você e por quê?
Creio que o Ricardo Darín encontraria o equilíbrio entre o bom humor exterior e os demônios interiores. Mas sem o uso de enchimentos, que o cinema não precisa ser totalmente realista.

E qual seria o título desse filme?
"A única coisa a fazer é tocar um tango argentino".

Você foi convidado pela sua vizinha gostosona para ir a um desses evento com ela: Show duma dupla iniciante de cantores sertanejo, assistir ao filme Rambo 5, uma palestra motivacional para candidatos a vereador. Em qual irá?
Quando estreia "Rambo 5"?!?

Você precisa escolher onde passar a próxima sexta. Numa discoteca dançando sem parar ao som dos Bee Gees ou no pagode do bar da esquina. Qual a escolha e por quê?
Bee Gees. Não passei todo aquele tempo na infância imitando o Tony Manero à toa.

Qual é a música funk mais linda que você já ouviu a dois?
"Just the way you are", de Barry White. É a real trilha sonora para a dança do acasalamento do tamanduá africano.

Se dinheiro não fosse problema, o que compraria agora?
Uma aldeia em Portugal. Ou Portugal inteiro.

Roberson Frizero é escritor, tradutor, dramaturgo e professor de Criação Literária. É Mestre em Letras pela PUCRS e Especialista em Ensino e Aprendizagem de Línguas Estrangeiras pela UFRGS.

JULIANA LINO

"É preciso conhecer as ferramentas disponíveis para fazer sua história chegar aos leitores, afinal é para isso que escrevemos."

Foto: Divulgação

Juliana Lino mora em Campinas/SP. Já foi bailarina clássica e atualmente, além de escritora, é médica hematologista formada pela PUC-Campinas e especializada no Hospital do Servidor Público Estadual de São Paulo. Viciada em corrida de rua, esporte que é sua válvula de escape e desafio pessoal, onde geralmente encontra a solução para os problemas e bloqueios criativos. A premiada autora conta que se tornou leitora quando criança, a partir do momento em que conseguiu ler os livros sozinha. "Era uma ratinha de biblioteca na escola, e sempre me interessei pelos livros que poderiam me dar medo. A primeira coleção que me marcou foi a Coleção Vagalume, seguida pelos livros dos "Karas", de Pedro Bandeira", relembra, e cita três autores que mais influenciaram sua maneira de imaginar e criar; Stephen King, Carlos Ruiz Zafón e Edgar Alan Poe. Atualmente, a argentina Mariana Enriquez também ganhou um lugar de destaque.

Quando surgiu a escritora Juliana Lino?

"Escrevi" meus primeiros livrinhos aos 5, 6 anos — eu amarrava as folhas com fitinhas, fazia os desenhos e depois ditava para minha mãe escrever. Tenho todos guardados até hoje. Meu best seller da época foi o "Janelinha feliz", escrito quando perdi o meu primeiro dente. Outro sucesso foi o poema que escrevi em homenagem ao Ayrton Senna; minha professora leu para a escola inteira. Conforme eu crescia, a escrita foi ficando esquecida, já que tinha muitos problemas de adolescente para me preocupar. Fui pensar nela novamente quando a minha professora de português do terceiro colegial ficou na sala comigo, para corrigir um texto narrativo. Nunca esqueci de suas palavras "Você está à beira de fazer um texto excelente!". A escrita voltou de maneira definitiva na minha vida bem mais tarde: em 2014. Eu passava por um momento difícil, e me via com uma necessidade de fuga. Um dia pensei: "Preciso de um projeto, algo totalmente diferente. Vou escrever um livro.".

E tuas personagens surgiram totalmente na tela em branco ou as buscou nas ruas?

Gosto de pensar que foi a Sophia que me encontrou. Ela chegou aos poucos, nos momentos em que ficava presa no trânsito em São Paulo. Quando tive a ideia de escrever o livro, a protagonista já estava pronta, porém, a história ainda não. O primeiro volume escrevi de maneira totalmente orgânica, e o enredo foi se desenrolando conforme eu escrevia. Como a metáfora de Stephen King, em seu livro "Sobre a escrita": fui desenterrando o fóssil. Dessa maneira, os demais personagens do livro foram chegando a mim, no momento em que chegavam na história. Nada foi planejado. Como a Sophia parte para a faculdade de medicina,

emprestei a ela muito da minha vivência. Dessa forma, alguns personagens terciários, como professores e colegas, foram inspirados em pessoas que conheci. Já em muitos dos meus contos, a maioria ainda não publicados, vários personagens vieram da observação e de experiências do meu cotidiano. Certas narrativas curtas nasceram de situações reais que experimentei e acabaram por criar todo um contexto maior, gerando uma história a ser contada.

Teu livro vem fazendo uma ótima caminhada, com nova edição, premiação e a segunda parte já publicada. Como avalias esse retorno tão positivo em pouco tempo?

Quando escrevi o volume 1, "Cores de Vida e de Morte", em 2014, eu não tinha nenhuma pretensão de publicá-lo. Era apenas uma fuga da realidade que eu enfrentava, e era divertido. O primeiro original ficou engavetado por 6 anos. Foi só em 2020, no auge da pandemia, que a história voltou a me chamar. Então comecei a estudar sobre estruturação de romances, a fazer cursos. Descobri a dura realidade da reescrita e revisão, e retrabalhei tudo o que já tinha feito. Cheguei no melhor que poderia fazer sozinha e mandei a história para uma leitura crítica. Daí para frente, tudo aconteceu muito rápido. A publicação independente foi o meu cartão de visitas nesse meio e, felizmente, o livro encontrou os seus leitores: a recepção do público foi surpreendente e me incentivou a continuar. Então veio o prêmio e o contrato com uma editora tradicional, a Madrepérola. Eu sei que todo escritor acredita que sua história é muito boa, mas é importante buscar melhorá-la ainda mais, aceitar as críticas, se aproximar dos leitores e de outros colegas escritores. Seja acessível: o boca-a-boca é poderoso e pode abrir portas inesperadas.

Toda a trilogia já está construída ou ainda precisa fazer pesquisas para a terceira parte?

O enredo já está pronto: eu sei o que vai acontecer. Mas antes, e durante a escrita, a história é "maturada" aqui dentro, e começa a desabrochar. É como se eu olhasse em um microscópio, onde começo pelo menor aumento, vou mudando as objetivas e mergulhando cada vez mais até conseguir observar uma célula com exatidão. É mais ou menos assim que acontece. Então, durante esse processo de imersão descubro cenas e desdobramentos que não conseguia visualizar de longe. É muito provável que, durante a escrita, eu tenha que realizar algumas pesquisas, ou buscar novas ideias que ainda não estou enxergando. Essa é a mágica: nem mesmo eu sei exatamente como será a história. E é isso que vai deixá-la mais surpreendente.

O que almejas com a tua escrita?

Acredito que ser escritor é uma maneira diferente de estar no mundo, e isso gera uma inquietação, uma comichão dentro da gente, que só é aliviado quando deixamos as histórias surgirem. Contar uma história é mostrar o seu olhar sobre tudo, e isso pode iluminar outros olhares. O que almejo com a minha escrita é espalhar histórias, tocar os leitores com o meu olhar, com as minhas possibilidades.

Acreditas que a literatura deve ser engajada? Ou deve ser puro entretenimento?

Acredito que não tem uma regra: regras são os piores inimigos para os processos criativos. Não devemos tentar encaixar a literatura dentro de caixinhas com rótulos. E muito menos tentar escrever um texto para que ele se enquadre nesse ou naquele padrão. A literatura deve ser livre! Sempre existirão histórias de todos os tipos para serem contadas, e leitores para lê-las. Acredito que é por causa dessa liberdade que as grandes obras surgem: aquelas que engajam e que entretém. São essas que ficam, que abrangem uma infinidade de leitores, que são atemporais. Alguns, as chamam de "clássicos".

E como avalias o atual mercado literário?

Ainda muito imaturo quando comparado ao mercado norte americano e europeu. É fechado e muitas vezes preconceituoso com a própria literatura nacional. Quando falamos das grandes editoras, existe uma dificuldade imensa para portas serem abertas: você precisa ganhar um grande prêmio, conhecer alguém influente ou ser um fenômeno na internet, caso contrário, nem responderão o seu e-mail. Ainda há aquelas que vão até Frankfurt, descobrir qual será o novo best seller mundial, mas não publica nenhum livro nacional. Eu entendo que as editoras são empresas, e como tal, precisam lucrar para sobreviver. Mas com essa postura, não contribuem para o desenvolvimento e reconhecimento da literatura produzida em seu próprio país. Sim, elas devem publicar Collen Hoover, mas isso não quer dizer que devam descartar todas as outras possibilidades. Existem grandes talentos nacionais que não se encontram dentro dos

círculos da "elite" literária. Acredito que são as pequenas editoras, e editoras independentes, que fazem a roda da literatura nacional girar: são elas que dão uma chance para inúmeros autores trazerem suas histórias para o público.

Quais as maiores dificuldades que uma autora iniciante ainda encontra?

Sem dúvida, é encontrar o seu público. Acredito que a grande maioria dos autores iniciantes, assim como eu, não tem nenhum conhecimento sobre o mercado editorial, e as possibilidades de publicação. Eles terminam o seu primeiro livro e não fazem a mínima ideia do que fazer com ele. Acabam então mandando os originais para aquelas grandes editoras que conhecem, e ficam para sempre no silencio da espera de uma resposta que não vai vir, ou acabam caindo nas garras de prestadoras de serviços mal intencionadas, que se dizem editoras, e acabam explorando o sonho desses artistas. É preciso conhecer as ferramentas disponíveis para fazer sua história chegar aos leitores, afinal é para isso que escrevemos. Para quem você escreve? Onde seu publico está? Como chegar até ele? Respondendo essas três perguntas, ele vai perceber que escrever, foi a parte mais fácil. Chegar aos leitores quer dizer suar a camisa: sim, você vai precisar se esforçar para aprender sobre marketing, e isso vai tomar o seu tempo. O algoritmo (independente da plataforma escolhida) vai te escravizar. E você vai aprender que fazer o seu público saber que a sua história existe depende só de você. Não basta escrever, temos que nos divulgar. Mesmo quando estamos dentro de uma casa editorial tradicional. É um trabalho de formiguinha, mas tem que ser feito. Ninguém o fará por você.

A revista Paranhana Literário é bastante lida por autores iniciantes. Qual conselho darias a esses novos autores e autoras?

Primeiro de tudo: não desista. Acredite na história que você quer contar. Pode ser que não dê certo na primeira tentativa: portas fechadas fazem parte e deixam a jornada mais desafiadora. Defina qual é o seu objetivo: leitores, prêmios, crítica? Estude os caminhos para alcançá-los e seja focado: não dá para conseguir tudo de uma vez. Se informe sobre o mercado editorial e as possibilidades de publicação. Considere a publicação independente, ela é uma ótima maneira de começar a apresentar o seu trabalho. Participe de antologias, grupo de escritores, eventos literários. Apoie outros colegas e esteja sempre em movimento. Faça cursos, oficinas. A escrita é um aprendizado constante. O mais importante: divirta-se pelo processo. Lembre-se: um escritor profissional é um amador que não desistiu.

Quais os novos projetos da autora Juliana Lino?

Nesse momento estou trabalhando no volume final da trilogia "As cores de Sophia".

Terminando essa saga, pretendo resgatar a minha coletânea de contos "Hospitalar", que precisou ficar em stand bye para me concentrar no meu projeto inicial. E depois dela... O que mais a mente imaginar.

Foto: Divulgação

"A literatura deve ser livre! Sempre existirão histórias de todos os tipos para serem contadas, e leitores para lê-las. Acredito que é por causa dessa liberdade que as grandes obras surgem: aquelas que engajam e que entretém. São essas que ficam, que abrangem uma infinidade de leitores, que são atemporais. Alguns, as chamam de clássicos."

Foto: Divulgação

O AUTOR HENRIQUE SCHNEIDER RESPONDE CINCO PERGUNTAS SOBRE O SEU LIVRO A SOLIDÃO DO AMANHÃ

1. O que o livro A SOLIDÃO DO AMANHÃ tem que justifique sua leitura?

O tema, mais do que tudo. O livro trata sobre o exílio na época da ditadura brasileira. A história acontece em 1972, um dos anos mais duros daquele tempo, e narra a viagem do personagem principal, Fernando, ao exílio no Uruguai. Fernando tem vinte e poucos anos, integra o movimento estudantil de resistência, e é preso. Na prisão, dizem a ele que na próxima vez ele seria morto. Então, seu grupo decide que ele deve sair do país, para proteger a si mesmo e a todos os demais. E ele vai – é a viagem de Porto Alegre à uruguaia Melo que conto em meu livro. Imagine um garoto de pouco mais de vinte anos sendo obrigado a sair às pressas de seu país, precisando deixar para trás a família, companheiros, amigos, namorada. Imagine este garoto sozinho, sem saber nem a língua do país que o acolhe e só com uns poucos trocados no bolso, num tempo sem internet ou celular, a comunicação super difícil. Imagine que ele precisou sair do Brasil para proteger sua vida apenas por se opor à tirania de quem governava. Imagine o sofrimento deste garoto de pouco mais de vinte anos porque simplesmente não pode voltar ao seu país. Imagine tudo isso junto e não lhe restará qualquer dúvida: ditadura, nunca mais.

2. A história contada no livro é totalmente fictícia ou traz, de algum modo, vivencias ou memórias daquele tempo?

Na verdade, trata-se de um livro com um pé na ficção e outro na realidade. O talentoso jornalista Claudio Brito – a quem agradeço no próprio livro – me contou a história verídica que dá origem ao "A Solidão do Amanhã." Só precisei escrevê-la, mudando alguns trajetos, criando um ou outro fato, dando à viagem uma narrativa literária – mas a história estava quase pronta na minha frente.

3. O livro A SOLIDÃO DO AMANHÃ tem o papel de suscitar debate sobre ditatura e liberdade ou é puro entretenimento?

"A Solidão do Amanhã" faz parte de uma trilogia que estou escrevendo, a Trilogia da Ditadura. O primeiro livro, "Setenta" (que venceu o Prêmio Paraná de Literatura), fala sobre a Tortura; "A Solidão do Amanhã" trata do Exílio; o próximo, ainda em processo de escritura, vai falar da Censura. São três livros independentes, mas que obrigatoriamente dialogam entre si, buscando suscitar o necessário debate sobre os efeitos sombrios da ditadura na vida brasileira. Mas é claro que, em se tratando de novelas, tive o cuidado de fazer – ou ao menos tentar fazer – com que a leitura dos livros também seja entretenimento.

4. Desde quando esse livro pedia para ser escrito?

Ele surgiu logo depois da publicação do "Setenta", quando achei que o tema estava longe de ser esgotado. Vivemos ainda agora num país dividido e há gente defendendo abertamente golpes, intervenções militares e ditaduras, razão pela qual é preciso falar mais e mais sobre o tema, a fim de que se evidencie sua condição nefasta e a democracia – que é conquista de mangas arregaçadas e não um presente caído do céu – seja perene. E isso só se faz com conhecimento, debate: não se pode simplesmente querer ´virar a página`; antes é preciso lê-la.

5. O que tu almejas conseguir com a publicação do livro A SOLIDÃO DO AMANHÃ?

Espero que o livro seja bem lido, da mesma forma que os demais integrantes da Trilogia da Ditadura, e que possa contribuir para um debate no qual reste cada vez mais evidente o peso sombrio que a ditadura teve na vida brasileira.

A solidão do amanhã
Henrique Schneider
128 p.
Dublinense
R$ 59,90

Foto: Divulgação

Henrique Schneider nasceu em Novo Hamburgo (RS). Advogado e escritor, possui vários livros publicados. Entre eles, "O grito dos mudos" (vencedor do Prêmio Mauricio Rosenblatt de Romance) e "Contramão" (finalista do Prêmio Jabuti). Pela Dublinense, lançou a coletânea de contos "A vida é breve e passa ao lado" e os romances "Respeitável público" e "Setenta" (vencedor do Prêmio Paraná de Literatura, com direitos vendidos para Itália, Egito e Indonésia).

QUESTÕES SOBRE A CULTURA

JORGE ANTONIO MENDES *

Novo Hamburgo/RS

Foto: Divulgação

A Cultura destacada aqui como um meio de vida e necessária para uma evolução humana passa, primeiramente, pelo entendimento de que se é imprescindível ou não. Na aceitação deste conceito, busca-se os responsáveis pela sua inserção na vida cotidiana. E aí começa a debandada daqueles que são imputados por estas ações. Têm-se um entendimento generalizado de que existem responsáveis pela Cultura, de maneira geral, como necessária para o desenvolvimento do Ser Humano? E como responsabilizar, individualmente, pessoas ou segmentos se todos são atuantes e recebedores de uma Cultura?

Particulariza-se a questão, numa tentativa de encontrar as referências culturais de segmentos humanos. Destaca-se a individualidade humana, o Setor Privado e o Setor Público.

Com relação à individualidade humana, como sendo responsável pela Cultura de um povo, logo sai de cena com desculpas de impotência numérica para resolver tão grande problema. Traz estampado em sua atuação de que é necessário primeiro o Eu e depois o Nós.

O Setor Privado, aqui entendido como aqueles fomentadores da Cultura, trazem em seus Regulamentos o entendimento comercial do segmento de que se não dá lucro, nada feito.

Surge, então, o Setor Público, velho conhecido de todos, que sendo designado indiretamente para resolver ou incentivar a Cultura, esbarra, primeiramente, no conceito de que a política e seus representantes não são, necessariamente, sinônimos de competência. Estes fazem de conta que se preocupam com a Cultura, mas, sempre visualizando se sua carga de trabalho dirigido não ultrapassa aqueles minutos em que estão ali empregados para tanto. Este mesmo Setor Público vai, sistematicamente, na gaveta da memória e traz a velha desculpa de que seus orçamentos não os deixam fazer nada em prol da Cultura. Para estes a palavra Criatividade não consta em seu dicionário, entretanto, o apadrinhamento de conhecidos, está neste mesmo dicionário em destaque. O setor Cultural público, causa até um sentimento de piedade de alguns, pois estes não entendem como conseguem sobreviver com tantas aves de mau agouro ao seu redor somente esperando alguma chance de serem convidados para ganhar mais um pouquinho do dinheiro público.

Surge o impasse na espera de quem deve fazer o quê no contexto cultural.

A vida, calejada de sobreviver ao tempo, tem suas regras próprias e deixa a Cultura também se inserir neste contexto, esperando a oportunidade da manifestação cultural.

No meio da multidão desnorteada aparecem aqueles que, cansados de esperar, acreditam e vivem inseridos na Cultura. São pessoas preocupadas com a Cultura e que, ainda acreditando que ela faz parte da vida, buscam por conta própria atividades que resulte em benefício de todos. São os que acreditam que a Cultura transforma-se na identidade de um povo e agem na intenção de preservá-la, seja cultuando suas tradições onde estão inseridas ou mesmo na crença de que um passado marcado por qualquer coisa é a identidade que fortalece o presente e refletirá no futuro. Estes, calejados de tanto acreditarem que a Cultura de um povo é essencial, ouvem, esporadicamente, quando a situação se complica, que para resolver um problema o povo tem que ter mais Cultura. Palavras ouvidas aqui e ali saindo na voz, automática, daqueles que não sabem a grandiosidade do que estão dizendo.

Os alarmistas de plantão ditam profecias que a Cultura disto ou daquilo vai acabar ou sumir, mas não querem saber, que qualquer cultura, tradição ou similar acaba, mas, volta com outra roupagem apenas mudando de nome. Por exemplo, o hábito saudável de uma leitura através do livro físico pode até se extinguir o modo através do papel, mas, surgirá no formato digital. A evolução cultural apenas mudará o seu meio de atuação.

** Escritor. Tem livros publicados e participa de várias Antologias Literárias no Brasil. Ganhador de Concurso de Contos e Crônicas. Publicações Literárias em Revistas, Jornais e Suplementos.*
jorgemendes2017@hotmail.com
(51) 99840 9364

Foto: Divulgação

QUE TEXTO É ESSE? OU: A (DES)NECESSÁRIA TAREFA DE NOMEAR TEXTOS

MARTHA ANDRADE SILVA*
Porto Alegre/RS

Foto: jamarattigan.com

"Se recebo um presente dado com carinho por pessoa de quem não gosto – como se chama o que sinto? Uma pessoa de quem não se gosta mais e que não gosta mais da gente – como se chama essa mágoa e esse rancor? Estar ocupada, e de repente parar por ter sido tomada por uma desocupação beata, milagrosa, sorridente e idiota – como se chama o que se sentiu? O único modo de chamar é perguntar: como se chama? Até hoje só consegui nomear com a própria pergunta. Qual é o nome? e é este o nome." ("Como se chama", Clarice Lispector).

"Lutar com palavras/ é a luta mais vã./ Entanto lutamos/ mal rompe a manhã." (Carlos Drummond de Andrade)

Gosto muito desses dois textos (o segundo é só um excerto do poema). Falam-nos, cada um a seu modo e com seu enfoque particular, sobre a necessidade da expressão. O de Clarice diz da necessidade de nomearmos sensações e sentimentos; o de Drummond aborda a luta que travamos, diariamente, pela (em busca da) expressão, na oralidade e na escrita.

Pensei nesses textos ao refletir sobre o nome que daria àqueles que escrevo. Não me refiro a título, mas ao seguinte: o que é isso que escrevo? É crônica, como chamaram alguns amigos? É artigo de opinião, já que a coluna em que publico, aqui, se chama "Opinião"? Qual o limite entre uma coisa e outra, crônica e artigo? E, na verdade, será que isso interessa? Parafraseando o poeta, são muitas as perguntas; eu, pouca.

Resolvi que os chamaria apenas de "exercícios de escrita", e isso tem me contentado. Às vezes, chamo até de textões, pois publico nas redes sociais também, e assim se costuma nomear os textos publicados lá, quando são extensos.

Mas há aí uma pergunta que acabou por me trazer mais inquietude do que a necessidade de identificar os textos que escrevo por um nome – porque essa questão, ao menos por enquanto, está resolvida: são exercícios de escrita.

Nomear textos, enfim, interessa? A quem interessaria, e que finalidade isso teria?

A psicanálise diz que temos necessidade de nomear as coisas, os sentimentos, as relações para marcarmos sua existência no (nosso) mundo. Quando não nomeamos algo, seja que for, parece que aquilo não existe. Ou que, para nós, não existe.

Já nas ciências da linguagem, encontramos a teoria dos gêneros discursivos, cunhada por Mikhail Bakhtin. Segundo o autor, quando realizamos interações, orais ou escritas, sempre recorremos aos gêneros discursivos: enunciados que existem para satisfazer nossas necessidades de comunicação cotidianas. Por exemplo, se pretendemos convidar alguém para um evento, nosso discurso se realiza por meio de um convite; se nossa necessidade é fazer uma reclamação, a situação comunicativa é diferente e requer, também, outro discurso e outro texto, pertencente a outro gênero. Assim ocorre em todas as situações comunicativas, pois os textos, todos, vinculam-se a algum gênero discursivo e, via de regra, precisam ser nomeados e distinguidos um de outro.

Hoje, inclusive, guardadas as minúcias da teoria, essa abordagem já orienta a produção de textos em escolas. Tempos atrás, predominava o ensino da "redação" apenas a partir de uma redutora classificação teórica: narração, descrição e dissertação, sem que isso correspondesse, mais claramente, aos textos do dia a dia. Desvinculava-se, assim, a leitura e a produção de textos feitas na escola daquela, tão necessária, produzida na vida cotidiana.

Assim, embora a abordagem a partir de

gêneros não seja feita, ainda, em todas as escolas, é bom ver que há mudanças: estudantes precisam ter noção mais ampla e abrangente sobre a produção de textos e sobre a necessidade que temos da expressão – oral e escrita – na vida prática.

Porém, essa questão relaciona-se aos textos da vida prática. Problematiza-se, aí, a literatura: um texto literário atenderia a alguma necessidade prática de comunicação do cotidiano? Essa é uma discussão que vai longe, e quem sou eu para encerrá-la...

Mas posso relacionar esse problema àquela questão que me inquietou: considerando-se, especificamente, um texto literário, é preciso nomeá-lo, caracterizá-lo, diferenciá-lo de outros? Por que seria? Até que ponto é importante que o estudante da escola básica distinga, por exemplo, uma crônica de um conto?

Não quero dizer que, na escola, não se possa realizar abordagem sobre diferenças entre textos literários, mas que há questões muito mais importantes (e atraentes) do que essa, puramente técnica, teórica e formal. Quando se trata de literatura, é complicado vincular a leitura de um texto apenas ao estudo de seus aspectos teóricos.

A esse respeito, e sobre a suposta necessidade de diferenciar-se conto e crônica, vejam o que diz Luis Fernando Verissimo, com a propriedade do cronista que é: "A discussão sobre o que é, exatamente, crônica, é quase tão antiga quanto aquela sobre a genealogia da galinha. Se um texto é crônica, conto ou outra coisa interessa aos estudiosos de literatura, assim como se o que nasceu primeiro foi o ovo ou a galinha, interessa aos zoólogos, geneticistas, historiadores e (suponho) ao galo, mas não deve preocupar nem o produtor nem o consumidor. Nem a mim nem a você."

É isso: a questão não deveria interessar nem a ele, escritor, nem ao leitor, e sim a quem estuda teoria da literatura e, talvez, pretenda empreender aí alguma pesquisa.

Refletindo sobre isso, pesquisei atividades escolares e encontrei algumas cujo enfoque é puramente teórico, tratando de "encaixar" cada texto em sua "caixinha". Ainda existem, e não são poucos os exemplos.

Em uma delas, era apresentada uma crônica e se perguntava: "Entre as características que definem uma crônica, quais estão presentes no texto?". Outra solicitava: "Identifique, no texto, os elementos da narrativa", sendo um conto o texto base da questão. Uma terceira dizia: "Considere as alternativas abaixo sobre o gênero crônica: [...]", e seguiam-se alternativas cujo intuito era caracterizar, tecnicamente, uma crônica. Outra partia de uma explicação técnica sobre o texto narrativo e seus elementos e oferecia exercícios em que o estudante era solicitado a identificar "o gênero e a tipologia textual" de excertos de diversos textos literários.

Não seria um grande problema a proposição desse tipo de questões se a aula não se ativesse apenas a elas. Em cada conjunto de questões, ao menos nas páginas que pesquisei, ficou claro que o enfoque era somente teórico, técnico. Faz parecer que, quanto aos textos literários, basta ao leitor reconhecê-los dessa forma. Faltava, justamente, o olhar voltado ao que torna literários aqueles textos, até os excertos – sua literariedade. Isso não pode ser ignorado ou deixado em segundo plano. Ainda, a experiência que a leitura literária agrega ao leitor, no caso, ao leitor estudante da escola básica: que espaço ela tem? Pode o leitor expressar sua relação com o texto e, a partir da leitura, evocar suas próprias vivências?

Verissimo diz: "[...] Você, que é o consumidor do ovo e do texto, só tem que saboreá-lo e decidir se é bom ou ruim, não se é crônica ou não é. Os textos estão na mesa: fritos, estrelados, quentes, mexidos… Você só precisa de um bom apetite".

Nem digo mais nada depois disso.

* Mestre em Letras – Literatura Brasileira e professora de Língua Portuguesa e Literatura, com atuação na escola básica e no ensino superior. Leitora e defensora do livro e da literatura.

Foto: Divulgação

FORMAÇÃO DE UM CRÍTICO LITERÁRIO

Foto: jamarattigan.com

EDUARDO JABLONSKI

Santo Antônio da Patrulha/RS

Luiz Maurício Azevedo, no livro recém-lançado na Feira de Porto Alegre "Estética e Raça, ensaios sobre a literatura negra", pergunta sobre como deveria ser a formação de um crítico de literatura. Aqui se pretende dar uma resposta a ele e prestar um esclarecimento aos que desejem ingressar na área.

Começando, é importante lembrar o que disse Afrânio Coutinho. Para o imortal da Academia Brasileira de Letras, crítico literário por pelo menos 70 anos, o candidato precisaria ler o dia inteiro até os 80 anos, para só depois começar a escrever. Pelo que se percebe, o ensaísta deveria estar debochando, uma vez que é impraticável agir dessa forma. O máximo possível é ler bastante, conhecer os clássicos, estudar o que der e ir escrevendo artigos aqui e ali, a fim de se desenvolver ao longo dos anos. Wilson Martins garantia ler 150 páginas por dia de clássicos. Essa era a fórmula dele.

Um dos maiores de todos os tempos, o austríaco Otto Maria Carpeaux (1900-1978), formou-se em várias graduações: Filosofia, Química, Literatura Comparada, Sociologia e Política, além de ter um doutorado em Filosofia. Dizem que dominava com profundidade pelo menos uns 10 idiomas e escreveu muitos artigos de crítica literária, afora 18 livros do gênero em vida e 10 póstumos. Quem o conhece tem a impressão de que o austríaco leu a obra completa de todos os escritores importantes da Europa, e nos idiomas originais.

Porém um crítico literário nos dias de hoje, se é que alguém desejaria pagar esse preço, talvez devesse, afora ler todos os clássicos, o que daria milhares de livros, teria de cursar as seguintes graduações: Letras (em muitas versões), História, Filosofia, Sociologia, Psicologia e dominar os idiomas das literaturas mais significativas do planeta, como português, espanhol, inglês, italiano, francês e alemão.

Dos escritores do Rio Grande do Sul, por incrível que pareça, há uma meia dúzia nesse caminho. O pai de todos é o ex-vereador e ex-vice-governador do RS Antônio Hohlfeldt. Não fez exatamente tudo isso, mas publicou mais de 20 livros de crítica literária.

Professor, crítico literário, autor de 24 livros de crítica literária, mestre em literatura pela UFRGS, graduado em Letras e Filosofia.

Foto: Divulgação

Por Doralino Souza

TRANSFORMANDO NOTÍCIAS EM CONTOS

Foto: jamarattigan.com

Era novembro de 1995, quando um fato ocorrido numa cidade da região virou notícia no Brasil inteiro e até fora do país. Jornais e TVs noticiavam a situação do agricultor que, segundo os relatos da família, desapareceu de casa e foi encontrado somente no dia seguinte numa beira de riacho, vivo, mas sem os dois olhos. Exatamente isso! Os olhos do homem haviam sido arrancados. Na época, o agricultor contou que estava indo ao açougue e dois homens ofereceram carona, ele entrou no carro e depois só recorda de acordar em agonia, no local onde fora encontrado pelos parentes. A história ganhou muita repercussão e as mais diversas teorias. Falavam em rituais de magia negra, em seitas envolvendo pessoas importantes da região, tráfico de órgão e, intervenção alienígena. O homem viveu mais 15 anos e quando morreu nada ainda havia sido descoberto sobre o que realmente aconteceu. Além disso, como sempre ocorre com as notícias, ficaram as lacunas não reveladas, como por exemplo, o que teria acontecido com o homem nos anos seguintes quando deixou de ser manchete nos jornais, ou onde viveu na infância, o que sua família fazia etc. Ou seja, havia muita história para contar.

E é aí, meus caros, que o escritor entra em cena. O escritor pode pegar uma notícia como essa, e preencher as lacunas que faltam, resolver o crime, dar motivação, finalizar o caso e transformar num conto. Claro que sempre será uma obra de ficção, nascida a partir de um fato ou notícia.

Quando eu estava escrevendo a coletânea de contos de crime do meu livro "Dentes no copo de uísque" lembrei dessa notícia e a usei como matéria prima. E a partir disso, surgiu o conto "Domingo de prece" onde meu narrador, sem nome, e sem revelar a posição geográfica do local, recorda quando chegou numa região isolada para assassinar um velho que...não tinha os dois olhos. Exatamente! O velho de morte encomendada tivera seus olhos extirpados do rosto alguns anos antes, igual o caso que virou notícia.

Veja trecho do conto:

"Fico bebendo em pequenos goles. Sei que ele não pode enxergar. No lugar dos antigos olhos de atrevimento, só deixaram os buracos."

Mas a notícia, meus caros, deve ser somente uma ideia inicial. Ou um pano de fundo. Deve ser a faísca que fará com que o escritor busque possibilidades para imaginar acontecimentos antes do fato virar notícia. Ou o que ocorreu após o fato noticiado.

No conto em questão eu coloquei um outro personagem para narrar a história, deixando a notícia que saiu nos jornais, apenas como um pano de fundo. Eu também sugeri um passado de violência para o homem, e que poderia ter motivado o crime.

Veja outro trecho do conto:

"Agora ele fala que quase sempre é alegre, não lamenta o destino ou qualquer nome que se dê a isso. Continua falando e diz que não esperava pelo meu trabalho nessa manhã, afinal, é domingo, dia de prece, de comunhão. É dia de agradecimento. Digo que essas coisas são assim mesmo, nunca dá pra prever, vim de longe, tive noite mal dormida e o primeiro café do dia tomei frio. Ele faz que sim com a cabeça. Entende como é. Depois diz que nunca se arrependeu de verdade, às vezes acorda apavorado no meio da noite, ouvindo gritos cheios de lamentações, e só.".

É a ficção se misturando com a realidade. A narrativa deve ser elabora a ponto de o leitor não saber o que é inspirado na realidade e o que é totalmente ficção. O autor deve escolher bem a construção narrativa, uma linguagem apropriada, personagens e enredo verossímeis. Colocando esses ingredientes e sabendo dosar, o escritor estará no caminho do conto perfeito.

Daí é só correr para o abraço.

Foto: jamarattigan.com

Foto: Divulgação

* Doralino Souza é escritor e ativista cultural. Jornalista com especialização em Educação, Cultura e Diversidade. Idealizador e editor da Revista Paranhana Literário e Repórter Cultural da Rádio Arteviva. Autor dos livros Dentes no copo de uísque (2019) O cânion de dentro (2016) e Anjos Também Usam Boné (2014). Tem participação em diversas antologias e premiações literárias.

CLAMOR AO MAR

VALTER RIBEIRO *

Igrejinha/RS

Atordoado em trevas vivo
Minh'alma em negro luto pranteia
Num corpo que abafa os soluços
[falsa castidade
[anjo exterminador
O vinho não mais acalma
Esta mórbida alma que
Por outro plano físico anseia
[a mais bela
[vil criatura
Amei sem ser amado
Torvo sentimento, volúpia diabólica
Atormentam-me amargas lembranças
Mar em fúria me faço
Contra as pedras
Me desfaço
Além do oceano
Existe o amor!
E o que mais lhe combina
E até mesmo rima
É dor.

Foto: Divulgação

Formado em Letras – Português e suas respectivas Literaturas. Poeta, ativista cultural, militante do Livro e Leitura e um dos editores da revista Paranhana Literário. É professor, resenhista e membro fundador da Associação Lítero Cultural Igrejinhense (ALICI).

HAPPY HOUR

ADRIANA MONDADORI *

Porto Alegre/RS

Sobre saltos Prada, num fogoso gingado, subi as escadarias do prédio antigo.

Abri a porta do apartamento, o aroma de sálvia na manteiga vindo da cozinha aguçou meu palato.
Mirei a pia limpa, estendi o olhar para a lavanderia até as roupas recém-estendidas no varal. Senti pulsar onde as coxas se encontram.

O som da água do chuveiro cessou.
Ele veio ao meu encontro secando, com a toalha, o seu cabelo bagunçado.
Sorriu. Seu sorriso faz todo seu rosto sorrir.
Meus olhos brilharam em brasa ao vê-lo em pele, pelo e carne.
(definitivamente ele é um dos deuses mais lindos)

Tirou a bolsa pesada de meu ombro, colocou-a sobre o aparador. Virou-me de costas.
Descarrilhou, da nuca até o cóccix, o fecho-éclair do meu vestido.
Seus dedos macios abriram o sutiã, deixei-o cair no chão junto com a roupa. Ele sabe que odeio prender os seios e de quanto gosto de senti-los encherem suas mãos quentes.

Ajoelhou-se diante de mim, feito súdito.
Tirando o scarpin, ele beijava suave o peito do meu pé, e repetiu no outro. Com seu olhar felino, ergueu-se. Entrelaçou sua mão na minha levando-me até o quarto de banho.

A taça de vinho verde levemente refrigerado, sobre o mármore, suava.
As chamas das velas tremiam como se uma brisa passasse por elas.

Tirei a calcinha branca de algodão. Joguei-a para ele.
Entrei no banho. Fechei os olhos e a água escorria sobre o meu cabelo, rosto, coxas.

Sentou-se num banquinho perto da porta, com o violão sobre seu colo começou a dedilhar e assobiar Patience do Guns N' Roses.

Enquanto ele dava um show para mim, fui acariciando meu corpo movendo-o num dançar sutil.

ele deu o último acorde no violão
largou-o escorado na parede
entrou no box comigo
nos beijamos demorado
e novamente
começou a dedilhar
desta vez
meus lábios

* Tem dois livros solos publicados e participa de vinte antologias de poesias, contos e crônicas. Em 2021 foi finalista no VI FPL – Festival de Poesia de Lisboa com o poema "Infinita Fronteira" e publicação em Portugal. Optou pela escrita erótica porque é preciso falar de gozo e poesia.

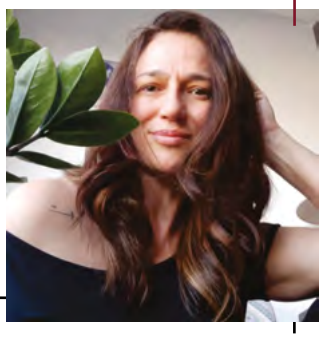


Foto: Divulgação

ARAMES E ESPINHOS

LUCIANO LANZILLOTTI *

Rio de Janeiro/RJ

O silêncio
que se aproxima de mim
nessa quinta feira de maio
em redemoinho.

Não o conheço
e tento examiná-lo
como se disso dependesse
a existência.

Sei que certas vezes
ele recai.

Procuro respostas
tenho perguntas?

E talvez
brote daí esse silêncio
cercado de arames farpados
e espinhos.

Por onde tento seguir
algo de mim permanece preso:
um braço, uma perna,
embora a manhã se dê ao ensolarado
tenha título, casa e conta bancária,

ele surge como sinal de alerta
de que nada está pronto:
é preciso cavar ainda.

Foto: Divulgação

* Mestre e Doutor em Literatura Brasileira. Fez parte de antologias especializadas em literatura contemporânea em mídias impressas e digitais. Autor do livro “Geometria do Acaso” (Ed. Dialética, 2021).

EDIFÍCIO PAUL ÉLUARD

RAFAEL NOLLI *
Araxá/ MG

Gritam o seu nome do topo do prédio mais alto da cidade
Seu nome, gritado lá do alto, despenca como uma chuva
Cai sobre os autos, sobre os ônibus, sobre as casas
Cai sobre o formigueiro que se espreme nas calçadas
Cai sobre a massa que é empurrada de um lado para o outro lado
Cai sobre a imensidão que se move
Atraída por outros estranhos chamados

(Estão aguardando a ordem das placas para decidirem o rumo
Estão aguardando a ordem do semáforo, para seguirem viagem)

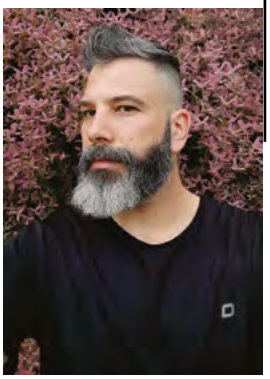
Os letreiros das drogarias, das padarias
Das casas noturnas, das boates
Passam a projetar o seu nome – em neon, em todas as cores e tipografias

O seu nome surge no topo da página do pasquim
E logo se faz presente no título do impresso que corre para as bancas
O seu nome reverbera ao longo do dia, na fala das pessoas
De todos os tamanhos, de todos os tipos, de todas as classes sociais
De todas as idades

O locutor da rádio fala o seu nome
No exato momento em que o jornalista matinal o faz em seu telejornal
As trombetas do carro de propagandas
– em meio aos seus reclames, lamentos & lamúrias –
Despejam o seu nome por todas as partes

E o viajante, recém-chegado de uma terra distante
Ao consultar o mapa – aberto diante dos seus olhos –
Percebe, perplexo, que o seu nome é o nome de todas as ruas da cidade

Foto: Divulgação



Professor, formado em Letras e Geografia. Publicou livros de prosa e poesia, com destaque para "Gertrude Sabe Tudo" (obra infanto-juvenil de 2016), "Isca" (poema, 2022) e "Achados & Perdidos" (Prêmio CEPE Nacional de Literatura, 2021).

LÁ

ALAYAH DE AZEVEDO *
Rio Grande/RS

Ela estava lá, sempre esteve. Ela estava lá quando acordava; ela estava lá quando sentava na mesa. Ela estava lá quando saía; ela estava lá quando voltava; ela estava lá quando dormia e, novamente, estava lá quando acordava. Ela sempre estava lá, sorrindo radiante com seu cheiro inconfundível a minha espera. Na minha felicidade, ela estava lá sorrindo comigo. Na minha tristeza, ela estava lá chorando minhas lágrimas em seu abraço apertado. Na minha ira, acalmou-me com seu jeito doce e um tanto cômico. Ela sempre estava lá.
Nos momentos de falha, de sorte ou de qualquer sentimento – tenha sido bom ou ruim– ela estava lá, meu caro amigo. Mas aqui, agora, eu te confidencio: eu nunca estava lá. Ela abraçou-me e não retribuí. Ela sorriu e eu não vi. Ela sentiu e eu escondi. Se a dor matasse... Hoje quando olho para o sofá e não a vejo dói, tudo que sinto é dor e mais nada. Ah, se pudéssemos voltar no tempo, amigo. Se pudesse recobrar os arrependimentos e refazer a vida. Se eu pudesse tê-la novamente... mas hoje só sei seu nome. Passo os dias remoendo os momentos em que coisas vis foram-me mais importantes que meu amor. Amor esse que nunca mais encontrarei e que espero todos os dias olhando pela janela.

* Graduanda no curso de Letras (português-espanhol) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FURG. Conta com a publicação de um livro de poesias lançado no ano de 2021.

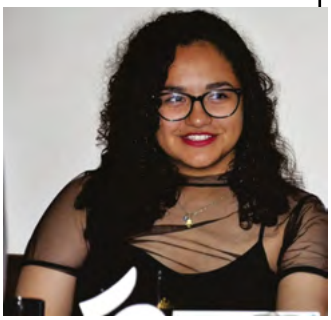


Foto: Divulgação

OSTRA

CECILIA KEMEL *
Viamão/RS

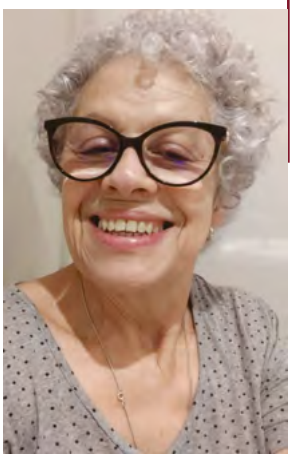
Não sou ostra feliz
eu faço versos
como quem cria pérolas
da dor.

Cada grão dessa areia
que me atinge
fecha-se nesta concha
em cicatrizes
resistindo a se expor.

Alimenta a si próprio
da insensível memória
lapidando-se em joia

- e requer seu valor.

Foto: Divulgação



* Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa e Brasileira pela UFRGS, tem publicações em meios jornalísticos e antologias poéticas, além de uma obra solo na área da Antropologia. Faz parte da Academia Cachoeirense de Letras.

CÂNION

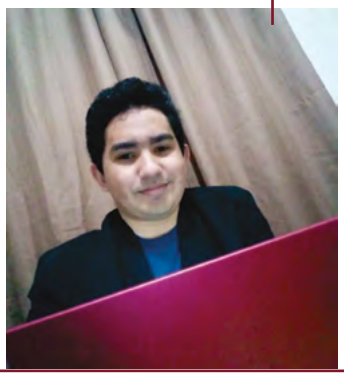
GUNNAR SANHUDO *
Tapes/RS

Mesmo perto, você está distante
Mesmo aqui, tu está lá… Muito adiante
Mesmo escutando o que falas, não te ouço
Mesmo te vendo livre, sinto que está no calabouço

Parece um paradoxo muito estranho haver
Existe um grande Cânion entre como te vejo e o que estás a fazer
É como se tivéssemos neste mundo uma linda conexão
E no outro paralelo, apenas me responde por educação

Parece que vives em duas diferentes realidades
Como fossem os bairros das minhas admiradas cidades
És a mesma pessoa em ambas situações
Mas divide-se em duas com diferentes afeições

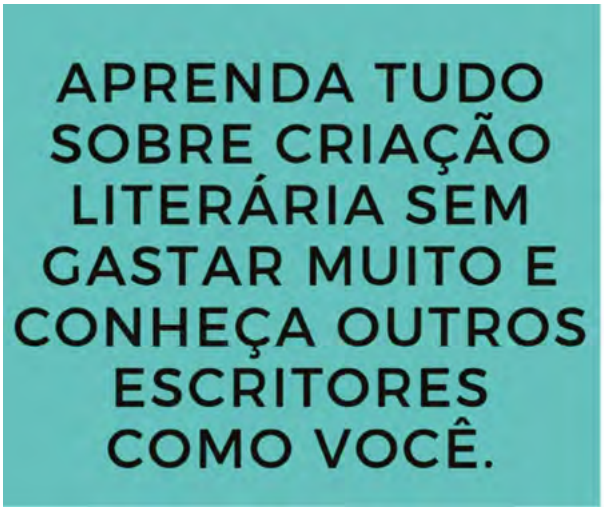
Em ti, um grande Cânion sei que existe
Separando duas faces, uma sorridente e outra triste
Porém, assim como separa, também mostra o vazio
Daquela alegria que tinhas e foi-se embora com o rio



Acadêmico. Mantém um perfil no Instagram chamado Estrany: Poemas e Contos. https://www.instagram.com/estr.any/.

Foto: Divulgação

PUBLICIDADE



Por Jéssica Rodrigues

Foto: Divulgação

EU TINHA UM SONHO. O CAMINHO NÃO.

A vida inteira meu grande sonho era ter alguém que olhasse para minha vida e pensasse: " nossa que guria inteligente, vou pagar os estudos dela e sua moradia". Poderia ser meu pai, minha mãe, qualquer pessoa. Isso nunca aconteceu.

O jeito que encontrei para não ser expulsa de casa aos 20 anos, foi passar no Enem. Estudava Engenharia de Produção. Ia para a faculdade 4 dias da semana e fazia estágio na prefeitura de Igrejinha. As matérias eram: Psicologia I; Meio ambiente; Filosofia I e para dar aquela sensação de que eu sim ia seguir por esse caminho, escolhi Cálculo diferencial e integral 1. Mais porre que a aula, era a professora que debochava de mim quando eu fazia perguntas óbvias, para ela.

É legal ressaltar que o óbvio não existe. Por que estamos acostumados a condicionar o outro com o que é óbvio para nós? O óbvio não existe e por isso é nosso dever comunicar ao outro sobre nossos processos, sejam matemáticos, lógicos, emocionais, sexuais, amorosos…

Ela ria de mim. Eu ria dela enquanto desenhava em suas aulas. Não aprendi nada. Abandonei o curso depois de 1 ano. Sai de casa. Floripa, cheguei!

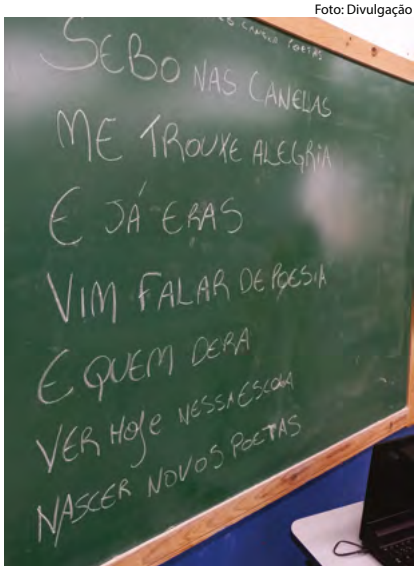
Passei na UFSC fazia Letras Português Literatura Brasileira, uauu provei pra todos os meus vilões mentais que eu era foda. Porque minha família cagou pra mim. Exatamente nada do que eu fazia parecia me fazer importante para eles.

Foi difícil me sustentar e estudar. Admiro muito quem consegue, eu não consegui passar do primeiro ano, além de detestar o método dos professores. O descaso. O abandono do campus em 2016. O trovadorismo. Passei muito ódio. Raiva por ter um sonho e sangrar as economias que foram desviadas do meu destino e eu não poder estruturalmente viver meu sonho de me dedicar aos estudos.

Eu só queria estudar e quando olhava para a minha vida, nada fazia sentido. Eu tinha 22 anos. Desde lá eu tinha a crença que se estudasse metodologias de aprendizagem, criatividade, emoção, teatro, dança, poesia e espiritualidade eu poderia refletir arte e fazer as pessoas sentirem seu próprio centro interior insatisfeito e belo. Ativar mecanismo de transformação interna com arte. Hoje eu vejo diferente.

Tirei dois fardos das minhas costas: 1 ajudar os outros - 2 fazer faculdade.

Foto: Divulgação



Conheço muita gente cheia de privilégios que infelizmente não valoriza a grandeza disso. São incapazes de derrubar os muros da proteção, incapazes de sair de si para AGIR pela necessidade do outro. Não sou formada, mas em matéria de humanidade e percepção eu gabarito em qualquer lugar, pelo que assimilei na escola da vida. Eu sinto muito por viver num tempo em que para sobreviver a gente precisa se provar o tempo todo, e como diz um amigo: "Ninguém quer ficar para trás". Eu não vivi meu sonho de fazer faculdade . Esse texto ficou bagunçado tipo eu na vida. O desconhecido me atravessa. Caminha que o caminho se abre .

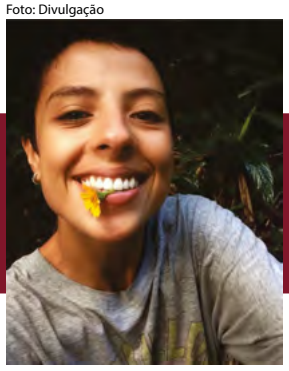
E por que eu comecei o ano falando sobre minha história e meus sonhos não realizados? Em 2022 eu vivi organicamente todos os meus maiores desafios e aptidões que conquistei com a escrita sendo auto didata na vida. Me empoderei das minhas vivências e pude compartilhar com a comunidade meus aprendizados, dei oficina de escrita em eventos importantes de literatura, contei histórias em escolas, ensinei Slam Poesia e vi nascer novos poetas, apresentei batalhas de poesia e poetizei muito. E veja só, não precisei de faculdade para isso. Precisei de vontade, decisão e responsabilidade. Precisei não ser vítima da minha história e encontrar caminhos para viver meus sonhos profissionais que nunca ressoavam com o "sucesso" que esperam de nós socialmente. Precisei me autoconhecer para seguir o caminho que me fazia feliz verdadeiramente e sentir a vida com meus próprios olhos. Dói e encanta. Às vezes a gente tem um sonho e o caminho não leva a ele, e está tudo bem, nem por isso ficamos sentadas esperando milagres caírem do céu. Agimos!

Lírica da Ruas segue atravessando fronteiras e rasgando véus das "expectativas" que lançam sobre nós os eruditas que dizem ser o dono da verdade... é como diz a música do novo álbum do MvBill (que inclusive está demais - MvDrill - escutem) "tirou 10 na prova teórica , levou 0 na prova prática". Lírica das Ruas é 10 nas práticas que elevam um povo com muito menos tempo para aquilo que sonha e muito tempo para fazer o que tem que ser feito por um coletivo sedento de ouvir histórias reais.

Fotos: Divulgação

E aí qual realidade você vai criar estratégias para realizar em 2023?

Foto: Divulgação



* Jessica Rodrigues mora em Igrejinha/RS. Estudante e estagiária de Pedagogia. Militante cultural. Atriz. Produtora cultural e contadora de história. Durante um mochilão, lançou o e-book independente " A Viagem é a recompensa".

Por Michele Iost *

RODA VIVA LISBOA MUNDO

Foto: Divulgação

Outras possibilidades. Pensar em outras possibilidades talvez facilite o desenlouquecimento geral da nação – neste caso os exemplos serão de Portugal, mas o chapéu serve em qualquer cabeça desde que se more na Via Láctea.

Essa coisa de história circular e mudança de perspectiva começa a fazer sentido com o tempo, parece que quando se é muito jovem esse looping infinito não afeta, afinal, tudo soa como moderno e inventado agora, porém, quando há oportunidade e principalmente interesse em saber como se teceu o hoje, o fio de Penélope já está desmanchando, desmanchando e desmanchando até que começa tudo outra vez. A circularidade da vida torna-se hábito e o hábito emburrece. As coisas se repetem e fazemos tudo igual sempre.

Quando cheguei em Lisboa há 4 anos não tive ideia da dimensão dessa roda. Claro que eu via as diferenças, comparava cá e lá, mas logo tudo vira costume rápido e não se pensa mais com deslumbramento. Cheguei em uma época boa do país, próspera, estável, crescente. Depois da pausa pandêmica as coisas saíram um pouco do escopo, colapso no sistema de saúde com muita demanda e poucos profissionais na área; inflação descontrolada (a maior em 30 anos); nova onda de imigrantes devido às leis de incentivo do governo na tentativa de preencher vagas de trabalho que Portugal não consegue suprir; alta procura imobiliária + pouca oferta de moradia = preços inconcebíveis de aluguel (aqui chama-se renda); cultura endurecida pesando a mão crítica e os artistas se posicionando cada vez mais em situações que antes seriam silêncio e conivência.

Está uma zona? Não. O governo tem medidas imediatas para quase tudo, apoia a população não só monetariamente, mas também com ações sociais de reordenamento. Claro que uma pessoa que chegue hoje em Portugal não vai ter a mesma visão que há 4 anos, e também vai precisar de muito mais planejamento. Eu não tive a mesma concepção de quem chegou 10 anos atrás, essa dança vai continuar.

A diferença talvez esteja em cogitar novas possibilidades, construir de verdade um pensamento do zero e deixar nosso comportamento mais adaptativo. Portugal é um país de população velha, com costumes enraizados e uma fixação por tradicionalismos, acontece que onde eu vejo mais mudanças é na geração que esgota as possibilidades de criação, tenta caminhos até onde não tem. Eu leio textos de 2, 3 séculos atrás e parece

que estou lendo notícias da semana passada. Isso é impressionante, para não dizer desolador. Pode ser que os "inventores" alternativos não sejam compreendidos de imediato, mas depois fica todo mundo no discurso – era alguém além do seu tempo. Quanta chatice. Saramago, que foi inovador na sua própria arte de narrar, não teve seu centenário em 2022 comemorado com a grandeza que merecia por aqui. Parece um castigo por sair do gabarito. Esse paradigma do gênio incompreendido me enlouquece.

Será que a humanidade aprende com as repetições? A Europa vive uma expansiva onda direitista mas parece que só alguns estão preocupados. E a guerra recente? E a pandemia recente? E as mudanças climáticas não tão recentes? Apenas dados gráficos nos livros de história para as próximas gerações ignorarem, bem como fizemos. Não se entra na roda viva, a existência – toda ela – é a roda mais viva que há.

Penélope e Chico perceberam a mesma coisa com tantas voltas de diferença? E Saramago? E Marcelo? E Luiz? Vamos esperar para ver, mas vamos esperar em movimento, por favor. Podemos pegar um atalho pela rua lateral na contramão do fluxo.

Feliz 2023, 2024, 2025, 2026, por que afinal o tempo deve ser uma convenção programada para recomeçar infinitamente.

Fotos: Divulgação

Foto: Divulgação

* Criadora do projeto "Laboratório de ideias". Nasceu em Porto alegre/RS, atualmente, vive no velho mundo para estudar Letras pela Universidade de Lisboa e de lá escreve para a Revista Paranhana Literário.

Por Heleno Jr *

CAMELOT 3000

Uma das primeiras max série desenvolvida pela DC nos anos 80

Foto: Divulgação

Camelot 3000, desenvolvida pela DC nos anos 80, é lembrada até hoje como uma das melhores séries daquela década. Dividida em vários arcos, lançados entre 1982 a 1985, roteirizada por Mike W.Barr e excepcionalmente ilustrada por Brian Bolland, ela foi lançada no mercado direto (ao invés de ir para as bancas, os fãs encomendavam o exemplar diretamente na editora) e foi um enorme sucesso. Na época, foi uma aposta arriscada da DC, visto que iria dar um tiro no escuro, pois se tratava de um projeto que acabaria se estendendo a longo prazo, com uma trama original e personagens desconhecidos. Mas o talento de seus idealizadores fez a diferença, e a série tornou-se bem sucedida e até hoje é lembrada e conquista fãs. Quem não deve gostar nada disso, é a Marvel, visto que o projeto foi oferecido àquela editora, mas, depois de aprovar, voltou atrás, e descartou. A DC estava em busca de novos títulos e acabou abraçando o projeto.

O grande desafio do seu desenvolvimento, é que o roteirista, o Mike, era americano, enquanto o desenhista Brian, morava na Inglaterra. Numa época em que não haviam as facilidades de se comunicar, dos dias atuais, o contato era feito de forma precária, através de ligações internacionais e cartas. O Mike certamente desenvolvia o roteiro, enviava para o Brian ilustrar, e o reenviava para a DC imprimir e dar seu acabamento. Esse contratempo gerava incontáveis atrasos, mas, para a sorte de todos, os fãs abraçaram essa saga, e essas dificuldades foram ignoradas. A ideia é que a saga seria criada e concluída no prazo de um ano, mas devido aos atrasos das idas e vindas e a distância, ele se estendeu por 5 anos.

A ousada trama, adota personagens lendários e os apresentam numa realidade futurista do nosso planeta. Tudo começa no ano 3.000, onde a evolução se fez presente em tudo o que se possa imaginar. Porém, uma raça alienígena insectóide, achou de invadir o planeta e declarar guerra à raça humana. Nesse contexto, conhecemos um dos protagonistas, o jovem Tom Prentice. Fugindo de mais um ataque dos aliens, ele acaba perdendo os pais, e perseguido, ele tenta

O projeto foi oferecido à Marvel, mas, depois de aprovar, voltou atrás, e descartou. A DC estava em busca de novos títulos e acabou abraçando o projeto.

Foto: Divulgação

se refugiar em uma escavação em Glastonbury Tor, um local cercado por lendas. Uma delas dá conta que, ninguém menos que o mítico Rei Arthur Pendragon teria sido sepultado por aquele lugar, ao lado de sua esposa, a Rainha Guinevere. Reza a lenda, que, no momento em que a humanidade estivesse extremamente necessitada de sua intervenção, o próprio Arthur regressaria. Cercado pelos aliens, Tom esbarra justo na tumba de Arthur, e ao forçar a mesma em busca de uma arma para se defender, ele se surpreende ao ver que ninguém menos que o próprio rei, ressuscitou. Não demora, e Arthur despacha os alienígenas com extrema facilidade, para admiração e incredulidade de Tom.

O rapaz, que não é bobo, segue o rei e o coloca a par da ameaça que a humanidade enfrenta nesse mundo futurista. Movido pelo sentimento de justiça e nobreza que o tornou mítico, Arthur decide que irá enfrentar a raça alien e salvar a humanidade, mas para isso precisa da ajuda de seus principais aliados: o mago Merlin e seus Cavaleiros da Távola Redonda. Nos monolitos de Stonehenge, Merlin é despertado também. Pouco tempo depois, Arthur tenta recuperar sua famosa espada, a Excalibur, mas ela desaparece e reaparece em frente à sede das Nações Unidas, encravada numa rocha. Pegando carona na lenda do rei, Mike e Brian recriam o momento em que ele retira a espada da pedra em frente ao mundo, mostrando sua realeza e dignidade e se conclamando o salvador e esperança da raça humana. É o que basta para todo o planeta depositar suas esperanças sobre ele.

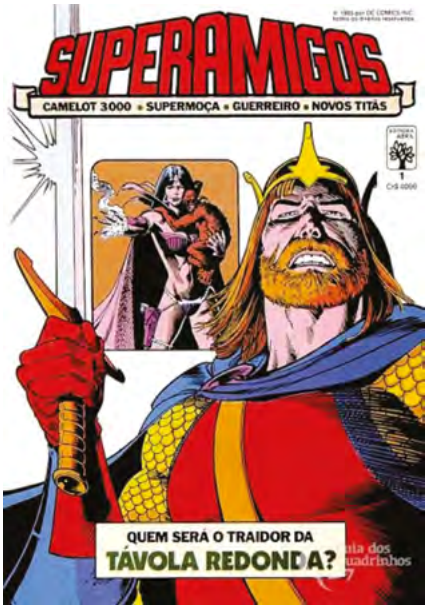
O grande atrativo dos primeiros arcos, é a busca de Arthur por seus cavaleiros e sua rainha. Ele descobre que boa parte deles reencarnou, mas, claro, não guardam lembranças de suas vidas passadas. Merlin tenta facilitar as coisas, mas um feitiço o impede, e Arthur é obrigado, em companhia do Tom, a ir em busca dos remanescentes, um a um. Para despertar as lembranças e a memória deles, o grupo carrega um amuleto que, ao ser visualizado, reativará suas memórias. Inicialmente, o Mike pensou em trazer os lendários 12 cavaleiros, mas o Brian sugeriu que limitasse o grupo a somente seis, pois assim, poderiam oferecer um desenvolvimento melhor a eles.

Um dos pontos altos foi recorrer à diversidade étnica dos cavaleiros, que são bem curiosas. A rainha Guinevere, é a atual comandante militar das forças de resistência aos aliens, uma militar extremamente conceituada e bem treinada. Já os cavaleiros, são uma atração à parte. Arthur não consegue reunir a todos, mas une um grupo bem variado. Seu principal cavaleiro, Sir Lancelot, é um bilionário francês. Sir Galahad outrora um guerreiro cristão, se torna samurai, Sir Percival é um homem comum que por ter cometido um crime é transformado em um monstro, porém, mantém a memória quando ocorre a transformação e se mantém leal ao seu rei. Sir Gawain é um policial sul-africano. Sir Kay revela que sua principal caracteristica está no fato de reduzir as tensões entre os membros da corte de Arthur, fazendo-os se unirem em uma mútua antipatia por ele. Mordred é o filho de Morgana Le Fay, a feiticeira meia-irmã de Arthur.

Mas o grande destaque entre os reencarnados, fica por conta do Sir Tristão, que recobra a memória no corpo de uma garota. Pior ainda, isso ocorre justo quando ela está se casando. Por não aceitar esse fato, ela passa por grande parte da saga, se lamentando, principalmente por conta das lembranças de sua vida passada, e busca uma forma de recuperar seu corpo masculino. Para complicar

No Brasil, a saga foi publicada inicialmente na primeira revista do Batman, em 1984, depois teve sequência na inesquecível Superamigos. Depois, a Abril relançou numa minissérie especial, dividida em 4 edições, em 1988.

Foto: Divulgação



as coisas, o Tom acha de se apaixonar por ela, e a insatisfação da jovem com sua sexualidade, vai render muito pano pra manga, principalmente quando ela descobre que seu amor do passado, Isolda, reencarnou também, e pra colocar mais lenha na fogueira, recobre também a memória, e parte em busca de seu antigo amor. Os demais cavaleiros estranham a mudança e o próprio rei não sabe como a tratar. Esse dilema na sexualidade rendeu pano pra manga entre os leitores, principalmente entre o público homossexual, que se viu retratado na hq, e aprovou a personagem.

Brian manteve alguns elementos da mitologia do personagem, entre eles, o triângulo amoroso entre o próprio Arthur, sua esposa Guinevere, e seu mais bravo cavaleiro, o Lancelot. Embora casada com o rei, Guinevere é apaixonada por Lancelot e essa paixão sobreviveu aos séculos, e eles precisam lidar com a consciência e consequências de traírem o homem a quem devem lealdade.

Mas, não foi somente esses personagens quem retornam. Descobrimos que a maior inimiga de Arthur, a bruxa Morgana Le Fay, também está de volta, e a invasão alienígena, é na verdade, causada por ela. E espertamente, ela usará a relutância de Tristão ao seu favor, pois a maquiavélica feiticeira passa a manipular a inconformada figura feminina, afirmando e provando que possui poderes suficientes para lhe devolver à condição masculina, contanto que ela traia o rei e demais cavaleiros. A saga se desdobra, com esses dilemas pessoais: a índole moral de Lancelot e Guinevere, o inconformismo e relutância de Tristão,etc...Junte a isso, as pequenas subtramas, entre elas, a busca de Arthur e seu grupo pelo lendário Santo Graal, as reviravoltas e traições, e claro, muita ação. Ao longo da saga, Mike e Brian abrem espaço para temas dignos de reflexão, e que continuam atuais até hoje, como o totalitarismo, preconceito e homofobia. Os políticos também são alfinetados de forma sútil nessa saga, a começar pelo presidente americano, que transformou a Casa Branca, numa base militar, para se proteger de tentativas de golpes.

Camelot 3000 tornou-se um dos grandes clássicos da DC, dos anos 80.Como dito, foi uma saga produzida para ser vendida de forma diferente, a começar pelo seu formato. Ela foi considerada, uma saga limitada, somente 12 arcos foram desenvolvidos e nos States, não teve mais do que 6 edições, cada um com dois arcos. A saga recebeu um capricho da DC, sendo publicada em papel de qualidade superior aos demais quadrinhos daquele tempo. Foi uma publicação de tiragem limitada, não foram impressos centenas de exemplares. Também foi vendida em padrões anormais, ao invés de ser lançada nas bancas, iam direto para lojas especializadas. Isso beneficiou o roteiro, pois não precisou passar pelos órgãos que censuravam as hqs e cortavam temas polêmicos. Como a saga trazia violência e referências ao homossexualismo principalmente, por conta da personagem Tristão, a história foi publicada na íntegra, sem passar por cortes. No nosso país, porém, quando ela foi publicada lá pelos idos daquela década, pela Abril, os editores trataram de "censurar" algumas coisas e a saga teve muitos cortes, só vindo a ser publicada em seu conteúdo original, muitos anos depois. Um dos momentos censurados foi a sequência de sexo entre Tristão e Isolda ao fim da história

Nos dias atuais, é fácil encontrar numa edição de capa dura da Panini ou na publicação encadernada lançada pela Mythos, em 2005.

*Heleno Junior Mora em Caruaru/ Pernambuco. É Formado em contabilidade e aficionado por cinema, quadrinhos e cultura pop, consome, estuda e pesquisa o tema, tendo colaborado por 4 anos com o Blog Infinitamente Nosso.

Foto: Divulgação

Foto: Divulgação

SOLITÁRIO

UMA HQ DE CHRISTOPH CHABOUTÉ

RICARDO MACHADO *
Santa Maria da Vitória/BA

As O ser humano é um universo. Desde criança, apesar de ter muitos amigos e interagir bastante com eles, sempre valorizei os momentos de solidão. Naquela época isso tinha a ver com a rotina de uma família composta por dois filhos e uma mãe solteira, que saía às 5 horas da manhã para trabalhar e voltava à noite. Mas retornava, ainda que exausta, feliz pelo reencontro com os filhos (o que, acredite, não era algo óbvio). Lembro, nos momentos solitários, de ter minha imaginação como melhor amiga.

Corta para três décadas depois. Estou no sofá de um apartamento habitado apenas por mim mesmo. Decido ler um livro emprestado por Bruno, jovem estudante de Artes Visuais. Trata-se de uma HQ de Chistophe Chabouté, chamada Solitário. Bruno, tal como eu, vive sozinho em um apartamento em frente ao prédio onde moro. Tudo isso numa cidade do interior do oeste baiano, que é uma versão semiárida, em maior escala, do imóvel navio de granito – o farol – onde vive Solitário, personagem principal do livro.

Há uma segunda pessoa responsável pela descoberta dessa HQ. Tal qual uma personagem do quadrinho que por um golpe do destino fica algumas horas no minúsculo píer do farol onde vive Solitário e deixa uma revista mais tarde encontrada pelo morador, Manan, professora de Bruno, indica esta obra que impacta por um paradoxo de visualidade: as imagens do mundo construídas pelo protagonista advêm da própria ausência de imagens sobre o mundo.

Não sou propriamente um especialista nem um leitor voraz de HQs, mas conheço alguma coisa. Em que pese minha falta de repertório mais amplo, caberia algumas considerações. A riqueza do quadrinho de Chabouté tem dois grandes trunfos. Vejamos.

Em primeiro lugar é seu traço, em preto e branco, muito cinematográfico. Tem uma estética bastante Cinema Noir, que deve, presumo, ser uma referência desse autor nascido no final dos anos 1960, na França. Além disso (ou em razão dessa característica), é roteirista. Portanto, seu quadrinho é prenhe de uma audiovisualidade que transcende e

Antes de morrer, o pai de Solitário entregou suas economias a um rabugento, mas fiel marinheiro que semanalmente deixa provisões no minúsculo píer do farol, sem jamais estabelecer contato.

Foto: Divulgação

prescinde o cinema, tal como intuiu Einsestein há mais ou menos um século.

O outro ponto é seu enredo. Devido ao formato quadrinho, é preenchido por silêncios avassaladores, capazes de nos arrebatar de tristeza e ternura. Em particular nesta trama, de um ponto de vista bem pessoal, há algo que me encanta, a saber: a forma como Solitário produz significado imagético sobre as palavras que encontra aleatoriamente num velho dicionário. Essa dinâmica tem a ver com meu interesse pelo campo semiótico, precisamente o fato de que o sentido do mundo não está dado e depende da relação que estabelecemos com o que há – os fenômenos –, de tal maneira que tudo o que existe poderia ser de outra forma, talvez mais humana, inclusiva e gentil.

A obra narra a história de um homem filho de um faroleiro e sua esposa, que viviam isolados em alto mar, e que jamais teve contato com o resto do mundo. Antes de morrer, o pai de Solitário entregou suas economias a um rabugento, mas fiel marinheiro que semanalmente deixa provisões no minúsculo píer do farol, sem jamais estabelecer contato. Isso muda quando o dono do barco contrata um calado ajudante que, nas poucas vezes que fala, começa a fazer perguntas que o comandante da embarcação considera inoportunas. Contudo, os desdobramentos na história não são nada óbvios. Em vários momentos o autor nos puxa o tapete da expectativa e leva o enredo por um caminho inesperado, mas sempre capaz de nos colocar diante das grandes encruzilhadas da experiência humana. Essa estratégia se repete ao final do livro, que longe da banalidade insuspeita de uma leitura ligeira, nos coloca diante do abismo que significa viver a vida.

Solitário é um livro comovente. Nos provoca a pensar sobre o sentido em sua dimensão mais profunda. Isto é, nos leva a pensar não somente sobre o que sentimos, mas como formulamos o sentido (significado) daquilo que sentimos. Traz uma doçura que nos causa mal estar, pois nos joga nus diante de nós mesmos, com nossas cicatrizes e memórias. Faz, ao mesmo tempo, um convite a deslocarmos nosso centro de gravidade do próprio umbigo em direção ao mundo e à vida, que, apesar dos incontáveis riscos, é e sempre poderá ser de outra forma.

Christophe Chabouté nasceu em 1967 e é de origem alsaciana. Frequentou os cursos de Belas Artes em Angoulême e Estrasburgo. A editora Vents d'Ouest publicou suas primeiras obras em 1993 em Les Récits, um álbum coletivo sobre Arthur Rimbaud. Seu trabalho Tout seul, considerado sua obra-prima, foi traduzido para o português com o título "Solitário" e lançado no Brasil pela editora Pipoca e Nanquim em 2019.

Foto: Divulgação

Devido ao formato quadrinho, é preenchido por silêncios avassaladores, capazes de nos arrebatar de tristeza e ternura.

*Professor da Universidade Federal do Oeste da Bahia – Ufob. Realizou doutorado em Comunicação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, na Linha de Pesquisa Cultura e Significação. Jornalista de formação, é mestre em Comunicação pela Unisinos, onde também realizou a especialização em Filosofia.

Foto: Divulgação

Por Cris Veríssimo

Foto: Divulgação

INSTAGRAM PARA AUTORES

Certamente você já se imaginou um escritor de sucesso e frequentar a lista dos mais vendidos certo? Ou você é um(a) leitor(a) ávido(a) e quer produzir conteúdo que atraia autores e editoras para contratar seus serviços de divulgação.

Com a internet, as redes sociais e a Amazon, alcançar esse sonho é muito mais simples do que você imagina, pois esse é o melhor momento na história para escrever, publicar e divulgar um livro.

Mas o público é exigente. Não basta uma foto bonita com a capa do livro. Seu conteúdo tem que concorrer com milhares de outros conteúdos por segundo e o seu grande desafio é fazer com que o seu público-alvo pare de deslizar a tela do Feed, pare para ler o seu conteúdo e, consequentemente, ser seduzido, encantado, convencido a consumir o seu livro ou serviço.

Com tanta concorrência, e o algoritmo mudando todos os dias, essa competição fica mais acirrada.

Ter um Bookstagram, ou um perfil literário de autor, é uma ótima maneira de mostrar sua especialidade, experiência e divulgar seu blog, site e serviços, se você tiver um. Mesmo sendo um perfil comercial, suas histórias podem ser mais divertidas e pessoais.

O Instagram era uma plataforma de mídia social visual, para mostrar fotos bonitas com legendas curtas. Isso mudou recentemente. Agora o Instagram quer que você entretenha a audiência. As pessoas estão no Instagram para se inspirar, ninguém quer comprar, diretamente, e por isso você precisa criar um conteúdo atrativo, para entreter e fidelizar a sua audiência. Ao tornar a audiência seus seguidores, seus fãs, fica muito mais fácil vender um produto ou serviço por lá. Não esqueça de se relacionar.

Relacionamentos são trocas. Você deve produzir um conteúdo relevante para o seu público, trazer informações do seu nicho, mas se você não trocar experiências esse relacionamento pode ser bastante frágil.

Para criar laços fortes com seu público, você deve: Informar, Entreter, Compartilhar, Gerar Identificação e Converter (seja em engajamento ou em vendas).

O Instagram é uma fera exigente. Se você planeja trabalhar com empresas que exigem estatísticas, abra uma conta empresarial ou como criador de conteúdo. Você sempre pode mudar mais tarde.

Comece com um perfil forte no Instagram. Use uma imagem pessoal em vez de um logotipo. As pessoas gostam de ver um rosto por trás do nome. Deixe seu público saber o valor que você fornecerá da maneira mais curta possível. Diga a eles quem vai gostar de sua conta e o que eles podem esperar encontrar.

Lembre-se de fazer a sua biografia ressoar com os leitores-alvo. Fale com o seu leitor ideal e não tente agradar a todos. Adicione um link para o site, blog ou página de vendas na sua bio e não esqueça de usar um encurtador de links.

Sucesso sempre!

Cris Veríssimo é Relações Públicas desde 2013, tem MBA em estratégia, inovação e marketing no conceito digital, trabalha com assessoria de marketing para autores e editoras. Contato:
@agencia.multiuso
cris@agenciamultiuso.com

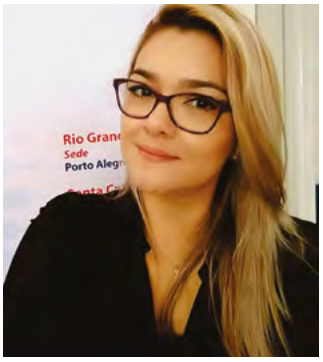


Foto: Divulgação

Foto: jamarattigan.com

A VIDA DÁ VOLTAS

Patrícia Ziani Benites*
Porto Alegre/RS

Quantas vezes escutamos ou pensamos sobre "a vida dá voltas"? Qual o sentido do termo? A que nos remetemos quando pensamos sobre o assunto?

Cada um de nós tem as suas experiências. A partir delas vamos construindo o nosso caminho. Algumas das vivências deixam um gosto amargo na boca, outras tem uma doçura que abraça a Alma.

No percurso que vamos desenhando, estas situações que deixam o gosto amargo promovem mudança e amadurecimento. Outras são rechaçadas e buscamos abafar e negar que tenham acontecido.

O que ocorre quando "abafamos" o caso? "Abafar" desloca a situação para um lugar bem guardado, naquele espaço onde tentamos esquecer. Negamos algo que aconteceu e que não sabemos como lidar.

A vida vai seguindo e, de repente, podemos dar de cara com uma experiência que faz renascer a tal situação adormecida.

Aí a coisa pode ficar complicada....

Quando as situações se repetem, são oportunidades de aprendizagem que surgem. Só que, algumas vezes, nos negamos a aprender. O mundo gira e tchan tchan tchan! Cá estamos com a nova-antiga situação.

Quantas vezes pensamos "de novo"! Neste momento, precisamos parar e respirar. Sentir verdadeiramente e tentar fazer diferente. Negar é uma solução, mas sinto em dizer... vai se repetir. É uma escolha, muitas vezes, consciente.

Quando é consciente, claro que é diferente. Mas isto não impede de passarmos por situações que desgostamos.

Mas quando queremos mudar? Quando buscamos fazer diferente? Ter consciência é o primeiro passo. Observar como transitamos na vida e percebermos os padrões que se repetem são essenciais para reconhecermos o que ocorre conosco. E... escolher.... Optar por um outro caminho nem sempre é simples, mas é possível.

Às vezes conseguimos sozinhos, a partir da conexão conosco e com práticas que nos dão sustentação. Outras vezes, necessitamos de apoio para atravessar o rio, o lago, o mar.....

Tudo depende do que sentimos por nós. Uma pergunta pode surgir: Como assim?

Tens reparado como te sentes consigo mesmo? Consegues perceber o que gostas de fazer, se tens prazer na tua Existência, se admiras o teu trabalho, gostas das amizades e do que tens feito?

Para algumas pessoas, são questões que podem desencadear uma certa ansiedade, incômodo. Para outras podem representar o sentimento de estar tudo bem. E... estar bem que pode ser real ou uma negação dos verdadeiros sentimentos.

De qualquer forma, se trouxe incômodo, respira fundo e perceba as tuas respostas. Quando acreditamos que podemos fazer melhor, não por um ato de perfeição, mas por merecimento, a nossa autoestima está bem. Quando percebemos que está difícil, mas não temos condições de melhorar, talvez, estejamos com a autoestima um tanto ruim.

Então, respire fundo e tente encontrar possibilidades de desenvolver o autoamor.

Estamos iniciando 2023. Geralmente, fazemos a nossa listinha para o novo ano. Que o autoamor esteja presente!

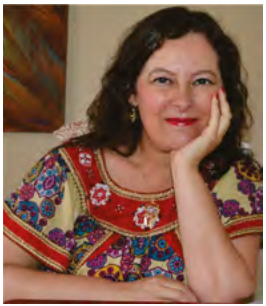
Que possamos aproveitar a nossa caminhada da melhor forma possível. Avaliando, percebendo, buscando o melhor. Pode ser que as situações repetidamente ruins diminuam... pode ser que as lições tenham sido aprendidas e estaremos diante de novos ciclos.

A vida vai dar voltas, mas não chegará ao mesmo ponto. Nos oportunizará outras situações. Deixaremos de dizer "de novo".

Mas cabe a cada um de nós, permitir que assim aconteça. Caso façamos a escolha por repetir as mesmas lições, que sejamos conscientes e capazes de sermos resilientes.

Com a breve reflexão, desejo que 2023 seja de Luz e Paz em todos os Corações!!!

Foto: Divulgação



*** Psicóloga e escritora. Autora do livro Tocando o coração enxegando a alma e idealizadora do canal de mesmo nome. Em 2022 lançou o livro Em busca da alma perdida.**

Foto: jamarattigan.com

O SAPATO PERFEITO

Paola Marina Pessoa *
São Francisco de Paula/RS

Certo dia passei em frente a uma vitrine, lindíssima inclusive, no centro da minha cidade. Era uma daquelas vitrines que chamam atenção não apenas pela beleza das peças mas também pela distribuição das cores e ao olhar rapidamente, o vi, lá estava ele, o sapato perfeito...

O sapato perfeito atendia a todos os requisitos que eu estava buscando, pois possuía um salto grosso, não muito alto, daqueles confortáveis de usar e era preto envernizado... Além disso, seu bico era levemente afinado, o que fazia com que ele pudesse ser usado em praticamente qualquer ocasião e ainda possuía uma tira regulável com fivela, podendo ficar mais preso aos pés (o que resolve um problema que apenas quem possui pés pequenos irá entender)...

O preço, não muito barato, mas considerando tudo que o sapato entregava e também que era o sapato perfeito, com certeza compensaria o valor investido.

Considerando todos esses fatores que foram rapidamente agrupados na minha cabeça, adentrei a loja, determinada a comprá-lo, porém, o inesperado aconteceu e a loja não possuía o meu número... Saí desapontada de imediato, porém, eu já sabia que o sapato perfeito existia e agora possuía a marca e o modelo, o que tornou possível que eu realizasse a compra pela internet...

Então o comprei e aguardei ansiosamente até a sua chegada. Ao chegar, a euforia foi imediata e resolvi usá-lo na primeira oportunidade que tive. Inicialmente, achei incrível, mas a impressão inicial durou poucos minutos... Logo, em pouquíssimo tempo, o sapato começou a causar incômodo e como acontece comumente com o que incomoda e permanece, começou a me causar dor. Era uma dor suave, perfeitamente suportável, mas ela estava ali. Com o passar do tempo, acostumei-me um pouco com a dor, mas neste momento, o sapato já havia me causado bolhas, além da inicial dor nos pés.

Era incrível que apesar de ser lindo e atender a todos os requisitos que eu julgava relevantes para a perfeição, ele não era confortável...

A decepção foi imediata, pois percebi que o sapato que eu julgava perfeito, na verdade nunca existiu, ele apenas atendia aos requisitos que eu imaginava serem necessários e que se reunidos, resultariam no sapato perfeito. É intrigante a nossa capacidade de imaginar as coisas assim, como uma receita de bolo, como se vivêssemos em um mundo no qual existem apenas ciências exatas em que a simples junção de fatores resultariam obrigatoriamente no resultado esperado.

Pensei que o desconforto era apenas por ser a primeira vez que usava o sapato, mas ele persistiu na segunda e na terceira vez... Depois, quando eu ia utilizar outros calçados, sentia dores nos locais em que haviam as bolhas e estas se curavam até que eu o usasse novamente.

Neste momento eu já havia me "acostumado" com a dor e também estava ciente de que o desconforto ocasionado pelo "sapato perfeito" ainda seria sentido depois, com outros sapatos em razão das feridas que ele deixava... Foi quando decidi começar a usar band-aid's.

Os band-aid's reduziam a dor mas não a eliminavam... Serviam principalmente após o uso, para proteger as feridas que ficavam quando eu usava outros calçados...

Uma noite, estava prestes a sair para uma janta quando observei

que o sapato estava ao lado de uma sandália exponencialmente mais simples, mas demasiadamente confortável. Então, decidi usá-la! A noite foi incrível e tão mais leve sem nenhum tipo de desconforto.

No outro dia, não haviam bolhas, nem dores, o band-aid ainda era necessário, porém, para proteger feridas antigas e não novas... No final de semana seguinte, antes de sair, fiz a mesma escolha e igualmente, não me arrependi.

Foi esclarecedor perceber que o padrão de perfeição que eu mesma inventei era utópico e o quanto a união de outros fatores (mais importantes) como beleza e conforto, eram muito mais relevantes. Talvez o problema não fosse com o sapato, talvez ele apenas não fosse adequado para os meus pés, que possuem características próprias, as quais são imutáveis.

Diante do ocorrido, me lembrei da Cinderela e da parte da história em que a definição da futura princesa seria feita por um sapato. Eu li a história centenas de vezes, mas nunca havia me dado conta de que não havia nada de errado com as moças que o provaram anteriormente, apenas, o sapato não era delas... Talvez se insistissem, poderia servir, mas a que custo? Desconforto, dores, feridas?

Logo, com muito receio, eu retirei os band-aid's e deixei novamente os pés em contato direto com outros calçados. É que agora, assim como o sapato, os band-aid's também já não serviam mais e sentir medo de outros sapatos apenas porque um me machucou era absurdo, pois não havia nenhuma garantia de que o mesmo poderia ocorrer novamente.

Agora, já não possuo mais um padrão de "sapato perfeito" e sempre procuro sapatos que combinem beleza e conforto. Agora, já compreendi que alguns sapatos que ficam lindíssimos em outras pessoas e não causam nenhum machucado, podem ocasionar o contrário em mim. Agora, já não uso mais band-aid's sem uma real necessidade.

É que a gente acaba inevitavelmente fazendo isso, né? Criando estereótipos ideais de coisas com base apenas na nossa imaginação, ou por comparação... Acabamos nos acostumando com a dor, com o desconforto... Acabamos nem dando chance ao novo, ao diferente e sentindo medo, usando proteções, motivadas por feridas antigas causadas por outrem...

Você já questionou se os seus sapatos estão confortáveis em seus pés? Se você não está se forçando a caber em um padrão que você acredita que seja o melhor? Se apenas não se acostumou com a dor ou até mesmo se não está descalço por medo de se ferir novamente?

Vou contar um segredo que a essa altura, você já deve imaginar. Isso não é apenas sobre sapatos. Mas ainda assim, para a nossa sorte, existem centenas de milhares de modelos, portanto, não se esqueça: Quando for provar um sapato novo, tenha cuidado com os padrões que você mesmo criou e o faça sem band-aid, pois até mesmo o band-aid deixará de servir quando você encontrar, não o sapato perfeito, mas o sapato certo.

Colunista, advogada, mestranda, especialista em direito administrativo e em gestão pública, conselheira municipal de cultura e autora de artigos e capítulos de livros científicos publicados.

Foto: Divulgação

Foto: jamarattigan.com

AGRIDOCES LEMBRANÇAS

Aline Pagnossin *
Porto Alegre/RS

Já não é de hoje que, sempre que assisto à reprise de algum episódio de A Grande Família, penso em rascunhar algo a respeito das muitas recordações que essa série me traz, mas o cotidiano, o trabalho e os afazeres do dia a dia acabam sempre me fazendo deixar essa ideia pra lá. Anteontem, porém, depois de ver um episódio que nunca tinha visto antes, senti que, talvez, tivesse chegado o momento de tentar traduzir em palavras o misto de emoções que sinto cada vez que aqueles personagens entram em cena. Nenê, Bebel, Tuco, Agostinho, Florianinho, Paulão, Pajé, Beiçola, Marilda, Mendonça...

Todos mestres na arte de me fazer gargalhar a ponto de me desligar de tudo de vez em quando, mas um deles, em especial, mais que me fazer rir, me comove e me leva às lágrimas quase sempre. Lineu tem, e sempre terá, meu coração. Por quê? Porque vejo meu pai nele. E por mais surreal que isto possa parecer, às vezes, tenho a nítida impressão de que o personagem Lineu Silva foi inspirado no Seu Pagnossin. Funcionário público, caxias, pai de família extremado, corretíssimo, não lá muito dado a risos fáceis, é bem verdade, mas dono de um coração imenso, e, principalmente, dotado de um senso de justiça fora do normal. Ah, e mais uma coisa em comum: Lineuzinho sonhava em, um dia, se aposentar e sair mundo afora, ao lado de Nenê, a bordo de um veleiro, e Catatau, meu pai, em ir embora para o Nordeste com minha mãe, e viver de brisa numa praia de pescadores.

Imagino que, agora, você aí deva estar se perguntando por que esse episódio que vi anteontem me fez pensar que era, enfim, chegado o momento de escrever sobre isso. Embora nunca tenha "maratonado" A Grande Família, acreditava já ter assistido à série toda, mas, nesse dia em questão, me deparei com meu personagem preferido em coma profundo, na cama de um hospital, dormindo placidamente na companhia diuturna e fiel de sua esposa, Dona Nenê. Na ficção, aquela cena foi inédita para mim; na vida real, uma dolorosa reprise. Na ficção, o patriarca daquela grande família despertou do coma 4 anos depois e voltou para casa; na vida real, meu pai faleceu 3 meses após um grave AVC que o fez adormecer para sempre. Na ficção, fica claro que Lineu escutou tudo o que se passou naquele quarto enquanto dormia, já que, ao despertar, a primeira pergunta que fez foi "Nenê, quem matou Svetlana Kovac?", protagonista do livro que ele e Nenê leram juntos durante todos aqueles anos; na vida real...

Bem, a verdade é que, na vida real, até hoje, 27 anos depois, me pego pensando se meu pai escutou tudo o que eu disse a ele ao longo daqueles 3 meses, principalmente o que disse na noite anterior à sua partida, enquanto, juntos, assistíamos ao show dos The Rolling Stones na TV.

Quero – e prefiro – crer que sim!

Formada em Secretariado Executivo Bilíngue pela PUCRS. É professora de inglês e de português para estrangeiros, tradutora e intérprete consecutiva, e preparadora e revisora de textos.

Foto: Divulgação

Foto: jamarattigan.com

MEMÓRIAS DO AFETO

Antonio da Silva*
Nova Hartz/RS

As lembranças se despediam aos poucos. Foi assim durante um tempo, mas estava cada vez mais rápido. Primeiro começou com esquecimentos cotidianos, como as compras do mercado, uma torneira aberta, a carteira no banco.

De fato, sua memória não era mais a mesma, cansaço, sobrecarga de trabalho, ansiedade, idade, essa e tantas outras eram as justificativas para os repentinos esquecimentos. Mesmo que houvesse desculpas, justificativas, argumentos, algo estava errado.

Ele sabia disso. Tentava minimizar, esquecer o esquecimento, era uma estratégia. Mas isso não aconteceu, o esquecimento lembrava que estava ali a cada memória apagada como se alguém apertasse um delete na pasta de arquivos da memória.

O medo não era só esquecer. O medo era de esquecer o futebol, os jogos inesquecíveis, os estádios. O livro das emoções corria risco, mas também poderia salvá-lo.

O jeito era exercitar a memória. Leitura, escrita, palavras cruzadas e futebol. Sim, futebol! Escrevia sobre futebol, falava sobre futebol, assistia jogos novos e antigos, ouvia jogos, inclusive, em outros idiomas.

Mas o futebol não salvaria o tempo todo, o jogo tinha só noventa minutos, mas as memórias seriam eternas? Talvez. Na juventude elas eram, parecia um almanaque, uma enciclopédia, um dicionário, mas e agora?

Agora, tudo era um mistério, sensação constante de nervosismo e ansiedade, parecia estar sempre na marca do pênalti no jogo decisivo do campeonato. E o campeonato em questão era sua vida.

Fato é que quando a bola rolava, a memória brilhava como uma lâmpada numa sala escura, e ninguém, absolutamente ninguém explicava isso. Era um mistério para a ciência, mas não para as emoções.

Sendo assim, essa poderia ser uma saída, até mesmo a melhor saída. Seria por meio do futebol que sua vida seria salva. Jogo a jogo, no apito inicial, a vida brilhava, a memória exaltava.

Parecia um milagre com direito a replay e prorrogação. O abraço ao desconhecido, a fé inacreditável , a esperança infinita. Tudo isso aquecia o coração e alimentava a memória.

A coleção de camisas ajudava a diariamente viver um pouquinho do seu jogo contra o tempo. Todo dia um time diferente, uma história, uma goleada, uma derrota estranha, uma peça no tabuleiro da mente.

Se no jogo o medo dá lugar à esperança, na vida ele deu vontade de vencer, mas não por egoísmo ou necessidade, mas por algo maior, algo do tamanho incalculável da vida, das emoções, da gentileza, de ser autêntico na sua essência.

O medo de perder fez com que ele jogasse a melhor partida da sua vida. A felicidade pode ser rápida, mas nunca uma lembrança a se apagar.

Não tinha mais medo. Não havia mais tristeza. Havia certeza que enquanto uma bola rolasse sua memória estaria salva.

* Criador da página @deficienciaemfoco, é jornalista e escritor. Desenvolve trabalho como pesquisador sobre capacitismo e pessoas com deficiência na mídia.

Foto: Divulgação

RETOMAR O PASSO

Isabelle Scheid *
Taquara/RS

Foto: jamarattigan.com

Recordo de uma vez que participei de um sarau em uma ONG da minha cidade. O professor, que estava coordenando aquele momento, anunciou a próxima dança: era uma apresentação solo. A adolescente entrou e posicionou-se no centro da sala. A música começou a tocar e ela iniciou sua apresentação. No entanto, em dado momento, ela parou demonstrando um leve desconforto. Ela esquecera o passo.

Então tentou mais uma vez, mas percebeu que não conseguia. Nesta hora, com uma incrível naturalidade, o professor parou a música e perguntou ali mesmo, na frente de todo o público expectador, em voz alta: "Quem pode ajudá-la?"

No mesmo instante, duas meninas levantaram-se e se posicionaram ao lado daquela que estava no meio da sala. O professor anunciou a dança em trio, reiniciou a música e as adolescentes dançaram juntas até o fim.

Aquela cena me emocionou profundamente. Naquele momento, entendi que eu estava pisando no palco de um lugar que não ensina passos de dança por si só. Ali se ensina a humildade e a fortaleza de reconhecer-se vulnerável e a coragem de enfrentar os próprios medos. Ali ensina-se a ser humano.

Quantas vezes é tão duro para nós reconhecermo-nos fracos, vulneráveis e necessitados de ajuda. Ficamos tão presos em nossa prepotência e superioridade que preferimos disfarçar os nossos erros e dar um jeito de ninguém perceber, quando, na verdade, está tudo bem parar a música por alguns segundos e aceitar que outras pessoas venham e nos ajudem a dançar.

Os segundos de tempo que duraram aquela cena me recordaram uma lição que tem um quê de eternidade. É que às vezes nós só precisamos de alguém que esteja ao nosso lado e nos relembre o passo da dança.

* Apaixonada pela arte e pela poesia, estuda Administração e possui um negócio próprio de Escrita e Produção Audiovisual.

Foto: Divulgação

SEU ZÉ PADEIRO

Raphael Cerqueira Silva *
São Geraldo /MG

Foto: jamarattigan.com

Pela manhã, passei na padaria, comprei casadinhas. Agora, enquanto o telefone toca e, no balcão, alguém reclama que "meu alvará não saiu até hoje", estou comendo minhas casadinhas (aliás, saboreando-as: comer é uma palavra tão feia). Estou, pois, saboreando minhas casadinhas, e olhando a rua. Uma a uma, se desmancham na boca, descem para minhas profundezas. Aos poucos, viram tédio, calorias e fezes, como eu disse em um poema.

Os raios do sol tamborilam nos bloquetes do estacioamento, judiam das arvorezinhas e dos poucos que passam na avenida. Pela janela, observo o "movimento parado" - como o pai dizia ao nos ver, à varanda, olhando a rua deserta –, saboreio mais uma casadinha. Livre e indomável, o pensamento avoa feito pipa nas tardes de agosto.

Lembro-me de Seu Zé Padeiro. Toda tarde passava na minha rua, pedalando a velha bicicleta de quadro com uma cesta enorme. Sobre a cesta, papel cinza a cobrir os pães. "Papel de pão", diziam naquele tempo. E eu, sempre que ouvia esta expressão, ficava imaginando um papel feito de farinha e fermento saindo do forno com a palavra "COMA-ME" lindamente escrita em confeito colorido, tal como o bolo que Alice comeu.

Mas, dizia eu que, toda tarde, Seu Zé Padeiro chegava, lentamente, de bicicleta. Apeava, procurava com o pé o descanso. Parado no meio da rua, descobria a cesta; olhava para um lado, olhava para o outro à espera dos fregueses que, aos poucos, brotavam: homens arrastando havaianas, mulheres a secar as mãos em aventais ou panos de prato.

Uma dona vinha com o chitão bailando ao vento e rolinhos coloridos no cabelo; o aposentado da casa bege, de sandália franciscana e calça de brim, abria o portãozinho zangando com o cachorro que tentava fugir; a mulher do 27 atravessava a rua, um menino no colo, o outro agarrado à saia estampada. A molecada parava o pique, arrodeava a cesta lambendo os beiços. Seu Zé Padeiro anotava na caderneta o pedido da metidona do 81 que, de mãos nas ancas, olhava a meninada com desprezo. "Parece que tem nojo", alguém comentou certa vez.

Pão doce, pão de sal, bolo, rosca. Tudo fresquinho, quentinho como se tivesse saído da fornalha naquela hora... na primeira vez que ouvi a palavra "fornalha", assustei: soou pesadona, bruta como trilha sonora de filme de guerra.

A menina de trancinhas embirrou por um sonho. "Hoje não, vou levar só três de sal e um desse sovado" sentenciou, inabalável, a mãe. A dona do sobrado, já com os pães embrulhados no papel, também mandou "anotar na conta". O maquinista que mancava feito um pirata da Hiena dos Mares e, por isso mesmo, custava a atravessar a rua, pagou com uma cédula novinha. Seu Zé Padeiro tirou um bolo de dinheiro do bolso da camisa, umedeceu a ponta do dedo com saliva, contou e recontou, entregou o troco. O maquinista enfiou as notas amarrotadas na calça, voltou manquitolando.

Ao meu lado, o quatro-olhos do 92 comentou: "ó, deu uma nota só, levou um monte de dinheiro pra casa; amanhã vai poder comprar um montão de pão". Mascando meu Ploc, assenti com a cabeça como os heróis japoneses que eu via na tevê. Naquela época, minha matemática também não me permitia compreender certas questões financeiras.

Pedi quatro pães de sal e dois tatu. Todos me encararam: não conhecem o pão de milho como pão tatu, lembrei. "Aprendi esse nome lá na cidade onde mora minha vó", justifiquei, corrigindo o pedido: "quatro de sal e dois de milho, faz favor".

Uma dona feia e chata quis saber por que eu ia levar seis pães se em minha casa éramos quatro. "A gente come muito", respondi, e estendi a caderneta para Seu Zé. "Eu só compro treis pão, porque na minha casa a gente somos treis, uai", ela me disse. Levantei a cabeça (puxa, a dona era mais alta que o Professor Girafales), encarei-a: "Por isso a senhora é tão magricela". Saí correndo, mas pude ouvi-la me chamando de malcriado e ameaçando "contar tudo para sua mãe, seu moleque".

O relógio do computador marca 15:40. Degusto (hum, este verbo soa melhor) a última casadinha. Um caminhão leva montes de sucata; um homem pedala vagarosamente uma bicicleta muito parecida com a do Seu Zé Padeiro, porém, não leva a cesta de pães... Seu Zé passava por volta das quatro da tarde na minha rua. Hoje, nesse horário, estou sempre atolado em protocolos e prazos, portarias e regras processuais, sufocando reminiscências para ganhar o pão (e algumas casadinhas).

* Graduado em Direito e História. Publicou contos, e poemas em antologias e coletâneas. Está finalizando "A Vida Segue", seu primeiro livro de crônicas.

Foto: Divulgação

ESCRITA CRIATIVA PARA ADOLESCENTES

Foto: Divulgação

Ana Luiza Tonietto Lovato é psicóloga, nutricionista, especialista em saúde pública e em teoria e técnica psicanalista, mestra e doutoranda em escrita criativa (PUCRS) e servidora pública da Secretaria de Saúde do RS. Como escritora, utiliza o nome Ana Luiza Rizzo (sobrenome materno, que adotou como uma forma de homenagear postumamente a mãe, de quem herdou o gosto pela arte). Tem contos e crônicas publicadas em várias antologias e lançou seu primeiro romance – Sete Erros (Ed. GOG/Bestiário), em 2022. Em 2020, criou o Clube de Escrita – oficina de escrita criativa para adolescentes e jovens, onde, segundo ela, vive os momentos mais divertidos e criativos da semana.

Como tem sido a recepção dos jovens, ao ter contato com as técnicas narrativas e possibilidades de criação?

A recepção não poderia ser melhor. Elas e eles têm uma curiosidade inesgotável e cada descoberta retroalimenta a criatividade e a vontade de colocar em prática os novos conhecimentos. É uma energia que transparece nos textos e que me enche de satisfação.

E como se dá a dinâmica do Clube de Escrita – Oficina de escrita criativa para jovens? É um Clube, ou essa é só uma nomenclatura?

A inspiração para o nome "Clube" surgiu dos espaços onde a pessoa vai para aprender e/ou treinar vôlei, tênis ou qualquer outro esporte. Este Clube de Escrita, portanto, tem o objetivo de proporcionar um ambiente seguro e com orientação para a aprendizagem e prática da escrita. Pode vir e ficar pelo tempo que quiser. Os encontros são online, em tempo real, uma vez por semana. São feitos exercícios em aula, a partir de provocações criativas, e textos semanais, onde vão sendo aplicadas as diferentes ferramentas narrativas. Toda a produção dos alunos é lida em detalhes e eles recebem o retorno tanto no grupo, quanto individualmente, de acordo com o necessário para o seu desenvolvimento.

Que tipo de autores esses jovens leem?

Uma diversidade muito grande de autores, de J.K.Rowling a Gabriel Garcia Marquez e Jose Saramago, com abertura para todo tipo de literatura.

Tu acredita que no geral, a juventude está lendo pouco ou na medida aceitável?

Os que se interessam pela escrita, já leem muito. Na média dos estudantes, talvez ainda precise incentivo.

O que tu achas que poderia ser feito para atrair mais leitores?

> "É uma energia que transparece nos textos e que me enche de satisfação."

A mediação de leitura, por meio de alguém que conheça bem o livro que está trabalhando, é um ótimo recurso para instigar estudantes a esmiuçarem a trama e relacionarem a história dos personagens com a vida e contextos reais, ou a explorarem a fantasia, outros mundos e outras realidades. Isto costuma ser encantador tanto para crianças quanto para adolescentes. Outra forma de desenvolver a leitura, é instigando os alunos a escrever. Quanto mais for incentivado a escrever, mais vai sentir necessidade de ler. É um círculo virtuoso.

E qual a importância de uma oficina de escrita criativa para adolescentes e jovens?

É uma oportunidade de desenvolverem e aprimorarem a habilidade de escrever, além da convivência e troca de experiências com outro(a)s com os mesmos interesses. Ler o texto do(a)s colegas, dar opiniões, receber opiniões, é outro grande ganho nas oficinas, mesmo ocorrendo de forma online. Além de escrever, também se aprende a ler com olhos de escritor(a).

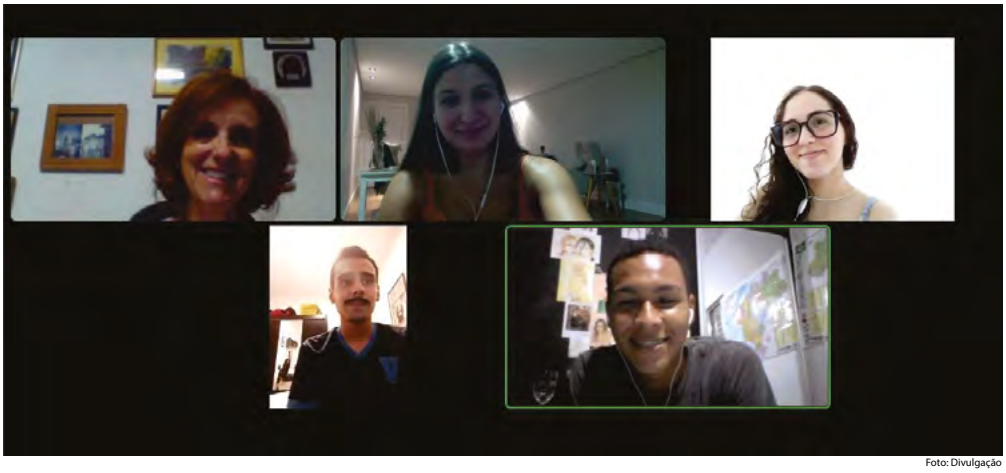


Foto: Divulgação

Como se dá a seleção ou, caso algum leitor queira se inscrever, como proceder?

Não há seleção. Havendo interesse, é fornecido um formulário com algumas perguntas que me possibilitarão conhecer um pouco do nível de desenvolvimento da(o) candidata(o) e avaliar qual o melhor grupo para o seu aprimoramento. Para o esclarecimento de qualquer dúvida, pode fazer contato diretamente comigo pelo whats: **(51) 99112.9502**

PUBLICIDADE

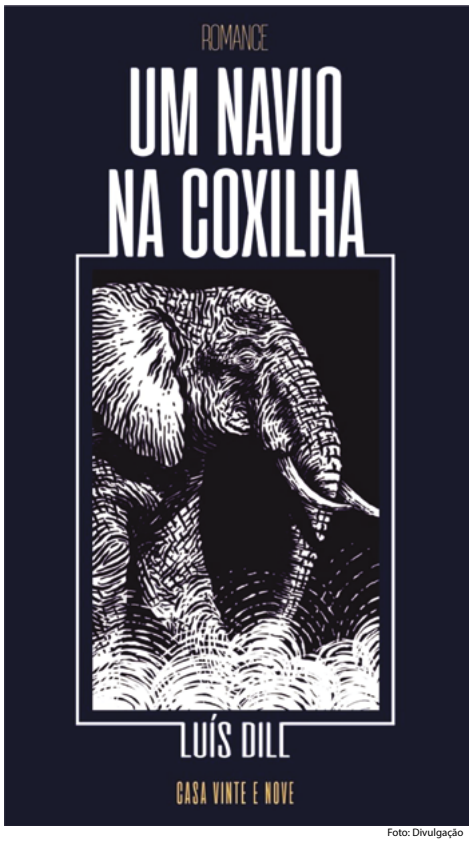


Foto: Divulgação

NOVO ROMANCE DE LUÍS DILL

UM NAVIO NA COXILHA

"Meu pai morreu duas vezes. Primeiro no rio Amazonas, depois aqui, em Forquilha Seca. Por coincidência, suas mortes ocorreram no mesmo dia, um 24 de agosto. Em 1932, ele se finou a bordo do Jaguaribe; em 1954, quando desembarcou do navio."

Trecho do livro

Em 2020, ao completar 30 anos de carreira literária, Luís Dill lançou Timbirupá, romance que inaugurou o chamado Ciclo XX do escritor porto-alegrense. A ideia é publicar uma narrativa longa para cada década do século passado, sem que um livro seja sequência do outro. Timbirupá é ambientado em 1930 em uma localidade no interior do país. Em 2021, veio Dias de água, que acompanha a vida de vários personagens durante a grande enchente de 1941 em Porto Alegre.

Agora surge Um navio na coxilha, terceiro título do Ciclo XX. A história se passa no ano de 1954, em Forquilha Seca, cidadezinha do interior do Rio Grande do Sul. Em uma manhã de inverno os moradores precisam lidar com o aparecimento de uma cargueiro nas proximidades da cidade.

Como os romances anteriores, o livro sai pela Editora Casa 29 que tem a preocupação de formar um conselho editorial com a tarefa de analisar os originais. Para Um navio na coxilha foram convidados Jane Tutikian, Roberto Bittencourt Martins, Luiz-Olyntho Telles da Silva e Marisa Lajolo. No seu texto, o escritor Roberto Bittencourt Martins, autor do clássico Ibiamoré o trem fantasma, afirma: A imagem trazida pelo título já prepara o leitor para uma aventura surreal em que a visão de um grande navio envolto em névoa surge subitamente no mar verde das coxilhas do pampa gaúcho. O espanto da visão nos guiará por uma jornada em que descobriremos uma realidade capaz de ultrapassar as fronteiras do realismo.

A capa, mais uma vez, esteve a cargo de Beto Soares que seguiu o conceito estético dos livros anteriores do Ciclo XX: fazer referência ao design gráfico de meados do século passado.

SERVIÇO:
Livro: Um navio na coxilha
Autor: Luís Dill
Editora Casa 29
Gênero: romance
Público: adulto
Capa: Beto Soares
Formato: 14 x 21
Páginas: 192
Preço: R$ 50,00
ISBN: 978-65-990011-2-3

Contatos com o autor:
(51) 991 69 58 98
luisdill@uol.com.br
@luisdillescritor

Foto: Divulgação

A LITERATURA DO VALE DO PARANHANA

O Vale do Paranhana, no Rio grande do Sul, vem se tornando um celeiro de novos autores e, no último ano, praticamente a cada mês, teve lançamento de livro de algum autor da região. Isso também se evidencia pela forte cena literária que ocorre nas cidades que compõem o vale, com saraus, feiras de livros, seminários e oficinas de escrita criativa. Recentemente os escritores Paulo Wagner, Armando Severo e Geraldo Both celebraram os lançamentos de seus livros, sendo duas obras de poesia e uma de crônicas.

Armando Severo, morador de Taquara/RS, em seu segundo livro, Manual da Sobrevivência (Editora Bestiário), busca retratar, até com certo humor, questões do cotidiano, postas de lado, sem que esteja sendo dada a devida importância, nestes tempos atribulados. "Procuro com os meus poemas, criar uma empatia, para que o leitor saiba que não está sozinho. Alguns dos textos ilustram comportamentos a serem digeridos, para que a vida fique mais palatável.", sugere.

Paulo Wagner, também morador de Taquara/RS, em seu segundo livro "Ao Acender dos Lampiões" (Editora Documenta) apresenta narrativas que formam uma autobiografia em crônicas e poesias. São histórias narradas a partir de sua memória afetiva e da oralidade ouvida de pessoas durante a caminhada da vida. "É a coragem, a emoção, o medo, a alegria, a saudade, o prazer. É a vida com todas as suas provações", destaca.

Geraldo Antonio Both, morador de Parobé/RS, apresenta em seu "Nos Trilhos da Memória – Uma Biografia Poética", (Editora Documenta) um resgate da sua história de vida, relembrando momentos importantes até a chegada em Parobé, em 1984. A obra também apresenta 250 poesias. "Os leitores vão ver na minha história que é possível, mesmo com todas as adversidades, vencer. Estamos vivendo um tempo que as pessoas precisam ter uma palavra de esperança e o livro é um enxoval de esperança em cada poesia escrita", instiga.

Os livros podem ser adquiridos diretamente com os autores ou nos sites das respectivas editoras.

www.bestiario.com.br
www.editoradocumenta.com

APRECIAÇÕES EM TORNO DA OBRA E DA LITERATURA ERÓTICA

Adeli Sell *
Porto Alegre/RS

Foto: Divulgação

Confesso que não aprecio muito o termo "literatura erótica", pois ou é ou não é literatura. Havia contos e relatos em revistas como Ele/Ela com muito sucesso de leitores/as, mas não tinha valor literário.

Depois que li os poemas de Adriana Mondadori, Clitória, resolvi ler seu livro mais recente, Vulcana – contos eróticos. Livro com 16 contos, em torno de 100 páginas, da Editora Metamorfose/2022.

Na orelha do livro, Adriana Maschmann nos fala do "protagonismo feminino". Isto basta para começar a apreciar a obra. São contos nos quais a autora explora relacionamentos, em especial aqueles que "rola sexo" sem amarras, "para as mulheres viverem sua sexualidade livremente", como se refere na abertura do livro E para que os "homens respeitem isso". Ou como na dedicatória que me fez: "que a literatura sempre nos salve".

Tem muitas cenas e momentos de contato físico, de toques, de trepadas, termo que até aparece num titulo, de gozo, de liberdade e poder.

Mas tem algumas saídas que marcam, como é o conto que fala de uma relação tóxica, na qual a personagem foge, perde o ônibus e só pega carona pela linguagem do sinal feito com batom na palma da mão, para que entre no carro e as duas mulheres lhe deem a corona salvadora. E o interessante que a história termina em aberto, sem voltar ao marido, ao lugar onde estava antes. Boa sacada, bem construída, curta, objetiva.

No conto que trata do swing foi feliz por pegar um casal com filhos, que ficam bem com familiares e eles curtem o que queriam curtir, sua liberdade, mostrando que se pode ser feliz com casamento, com filhos, famílias. Nem sempre, é claro.

Soube tratar decentemente da diferença de idades, com homem mais jovem, natural, sem afetações. Assim, trata as relações entre amigas.

Faço uma pausa para dizer que em seus contos normalmente ela é a narradora, ela é a que conduz a trama. E isto dá mais realidade e força ao que se conta.

Também soube dar uma saída de mestre ao descobrir o relacionamento homoafetivo do parceiro, de forma mentirosa e escondida, que a autora pela altivez só podia largar o sujeito de mão.

Um pouco de bom humor aqui ou ali, como quando o sujeito diz a ela ter sentido cheiro de manjericão ao toque da chamada ao celular.

Noutros sabe tratar bem o tema do ciúme e da traição.

Ou seja, Adriana faz literatura, um conto mais picante, outros de tirar o fôlego, mas tudo com personagens bem construídas, algumas mais profundas e outras mais rasas, porque assim são as pessoas; mas a autora-personagem na sua inteireza de mulher livre e sabedora de si.

Assim que novos poemas ou contos forem publicados, tenham a certeza que vou ler.

* Adeli Sell é escritor, professor e bacharel em Direito.

Foto: Divulgação

EM MEMÓRIA DE TODOS OS VERÕES

Foto: Divulgação

Lúcia Centeno*
Porto Alegre/RS

Esse romance breve e lindo da autora de "A casa das sete mulheres" foi publicado ainda em 2017, porém só chegou a mim cinco anos depois e às custas de um melhor amigo que, creio eu, ainda não se deu conta da subtração de seu baú de leituras em andamento – ou talvez sim, porque tirei algumas fotos da capa antes de ler e senti que precisava escrever sobre o romance assim que conclui sua leitura.

Isso foi em 6 de dezembro de 2022. Um dia depois, já queria dividir essa experiência com todos e todas que ainda não conheciam a história de "O primeiro e o último verão". Mais ou menos assim: aos 14 anos, Clara costumava passar o verão no Pinhal, ao lado de sua família e amigos. Não mais. Hoje, faz tempo que a narradora deixou de frequentar a praia gaúcha. Porém é para o chalé azul da família que ela retorna em todos os seus sonhos a fim de melhor compreender – e, por certo, nos contar – o que aconteceu no verão mais inesquecível de sua adolescência.

Primeiramente, preciso comentar que amei o título deste romance. Na verdade, foi o que me levou a ele logo de cara e bem no meio do espólio literário que meu amigo com certeza só voltaria a encarar durante suas férias. Eu poderia ter tomado outros livros (perdão, Diego!), mas senti que precisava emprestar essa obra de Leticia Wierzchowski para dar início ao meu próprio verão com nosso merecido recesso. Férias em família. "O primeiro e o último verão" me remeteu a isso antes mesmo de sua curta sinopse. Trata-se de um nome muito bom (agora posso dizer) bem alinhado em enredo e seu simbolismo.

O livro em si é delicado, simples e sincero, ainda que bem mais infanto-juvenil do que eu esperava. Mesmo assim (ou talvez por isso?), a leitura é bastante fluída e conta com imagens lindas e sacadas ótimas - se estivermos atentos e abertos a elas. Eu particularmente gosto muito de um olhar lírico sobre lugares que frequento e, assim como a narradora, também costumava veranear no Pinhal quando era criança (antes dessa tradição se esvair, bem como aconteceu com Clara). A nostalgia chega e, no caso dos menores, a melancolia pode ser palpável.

Por isso mesmo que eu indico o livro para crianças e adolescentes e creio que nós, adultos, podemos tirar muito proveito da leitura. Há o primeiro amor, o primeiro beijo e a primeira experiência com a morte. Existe uma iminência de separação e as muitas perdas, ganhos e intermitências que perpassam nossa vida enquanto crescemos, deixamos a infância para trás e seguimos tentando compreender seu porvir. Eu poderia comentar que o final foi um pouco abrupto, mas não é assim a vida? Pessoalmente, foi bem o que senti quando, meio "do nada" (e agora sabendo que nunca é "do nada"), deixei de ir à praia.

Foram as ranhuras do cotidiano, algumas tragédias inomináveis de um dia que seria como outro qualquer e outras responsabilidades às quais estive alheia até que passaram a ser minhas que me empurraram para crescer. Eu, Lúcia. Você, leitor. Clara, nossa protagonista, a família dela e todos os amigos à volta. É assim. Agora. Alguns fatos permanecem "em aberto", e creio que foi isso que a história quis passar. De todo modo, com certeza leria uma continuação sobre a vida de Clara e dos seus durante algum… Inverno.

Até lá, recomendo o romance, agradeço o empréstimo e lembro de cada um dos meus verões como se fossem todos eles responsáveis por quem me tornarei na próxima estação.

Foto: Divulgação

* Jornalista e escritora. Possui textos no Instagram @luciah.centeno e pelo mundo. Fotos de gatos também não faltam, pois tem 9 deles.

Foto: jamarattigan.com

TARDE DE TERÇA

Ana Braz *
Igrejinha/RS

Confesso O quarto, com aquele cheiro de alvejante nos lençóis e toalhas, era o mesmo de sempre. Nunca abriam as janelas, por isso não sabiam como era a vista. Um chegava um pouco antes do outro.

Quem chegava primeiro, acendia as luzes, tirava a colcha vermelha que cobria os lençóis, parecia ser sempre a mesma colcha vermelha, e já ia tirando as roupas, não queriam perder tempo.

Àquela tarde não deveria ser diferente de tantas outras.

- Que horas são?

- São 16 e 15. Por quê?

- Nossa! Já foi a tarde toda. Tenho que ir embora.

- Ainda é cedo, fica mais um pouco.

- Não. Não tenho tempo.

- É sempre a mesma coisa. Isso cansa.

- Por favor, não vamos entrar nesse assunto de novo. A tarde foi tão gostosa. Vem cá me dá mais um beijo.

- Acho até que você não merece nenhum dos meus beijos.

- Pronto. Onde tá a maturidade, mesmo? Não faz birra. Pelo amor de deus.

- Birra?? Tá bom.

- Vem cá... Não faz essa cara emburrada. Vem pertinho. Eu consigo ficar mais uma meia hora. Posso dizer que foi o trânsito.

- Olha, se é pra ficar sem vontade, nem fica.

- Já te disse, não tenho paciência pra imaturidade e você já tá se superando agora. – começou a se vestir.

- Eu? Tá certo. Eu sou sempre a parte errada. Até parece que você é o ser supremo da maturidade.

- Quanto tempo a gente se conhece?

- Sei lá, uns dois anos.

- E quanto tempo a gente tá junto?

- Seis meses.

- E nesse tempo, por um acaso, você já não sabia da minha situação? Na verdade, acho que nos conhecemos os quatro ao mesmo tempo. Na escola das crianças. Não foi?

- Foi. Eu sei. Eu sei, mas é que não tô conseguindo mais viver assim. Quero você o tempo todo. Não só nas tardes de terça. Tá errado isso?

- O que eu vou dizer?

- Sei lá. O que você tá sentindo seria uma boa opção.

- Eu tenho filhos. Dois filhos. Um casamento de dez anos. Não é assim que a banda toca.

- A banda toca? A banda toca! Que jeito é esse de falar comigo. Você acha que meu casamento também não é importante? Mas eu... Eu te amo! Eu quero ficar com você.

- Eu gosto muito de ficar com você. Nosso sexo é incrível. Sério. Não revira os olhos. Mas você sabia que o nosso lance era pele. Desde a primeira vez, a gente viu que tinha química, mas pra acabar tudo o que construí, o que você construiu. Nossos casamentos...

- Tá querendo dizer o que com isso?

- Que nós somos ótimos exatamente do jeito que somos.
- E se eu quiser mais?
- Não sei como responder.
- Acho que não responder, já é uma resposta.
- Você tá a verdadeira tragédia hoje, hein?!
- Pode ser... Cansei, acho que é isso.
- Cansou da gente?
- Talvez...
- Tenho que ir.
- Tudo bem.
- Mas não quero ir com você assim.
- Eu não tô assim.
- Você me diverte. Terça que vem no mesmo horário?
- ....
- No mesmo horário?
- Tá bom. No mesmo horário. E não esquece que sábado é aniversário do Junior. Vocês vão levar as crianças, né?
- Claro que sim. Vem, mais um beijo.

Ela terminou de se vestir e foi embora, enquanto ele ainda ficava na cama, pensativo, observando o quarto, sentindo o cheiro do alvejante, do perfume dela e do sexo que tinham feito.

Pensou em aproveitar a banheira. Terça era dia de hora extra, podia ficar mais um pouco, mas acabou ligando para a esposa.

- Amor, o que era pra pegar no mercado mesmo?

Foto: Divulgação

* Formada em Letras/Ingles. É Professora, escritora e editora do Paranhana Literário. Ativista cultural é integrante da Associação Litero Cultural de Igrejinha (ALICI).

PUBLICIDADE

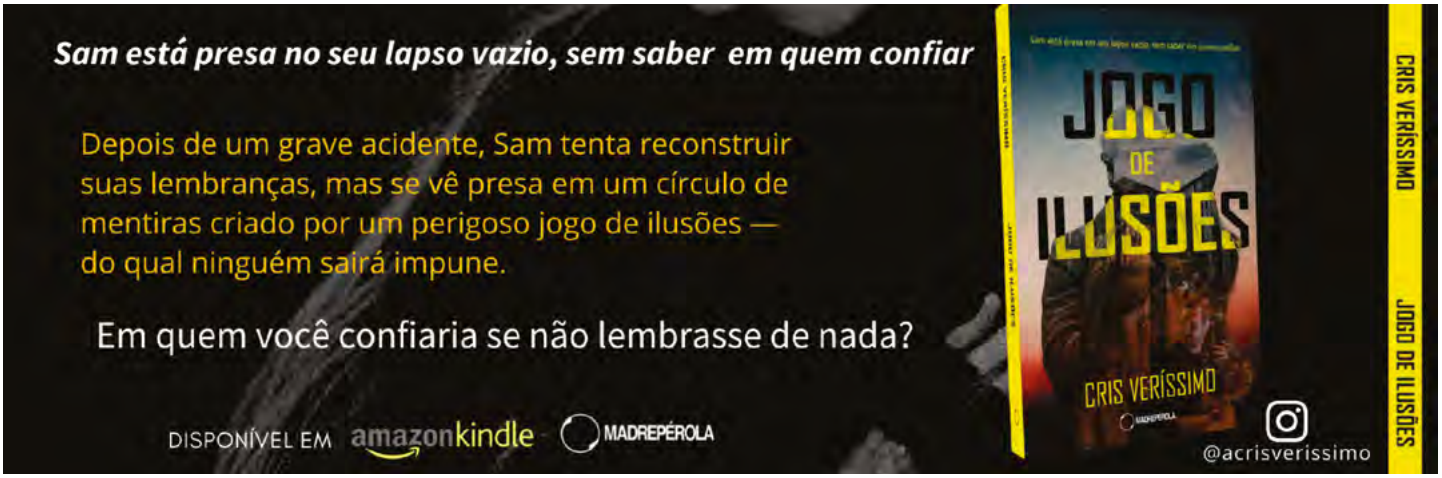


Foto: jamarattigan.com

O HABITANTE DAS PROFUNDEZAS

DORALINO SOUZA *
Igrejinha/RS

Foi num domingo de manhã que Honório Maria compreendeu tudo. Naquele dia ele havia passado rapidamente os olhos pelo jornal, mas não se ateve em nenhuma notícia. Examinou sem vontade os pães e geleia dispostos sobre a mesa desde a véspera, levantou-se da cadeira e saiu pela porta da cozinha, por onde se vai pro quintal. Honório trazia consigo esperança dos filhos e netos virem visitá-lo, era esperança de dias, por isso quis verificar se tudo estava em ordem. Ao se aproximar da piscina teve nítida impressão de ver alguém nadando e agitando a água. Chegou perto. Não avistou ninguém. Só que a água estava turva. Observou o fundo, mas o fundo não estava lá. Sentiu calafrios. Prestou atenção. Fixou os olhos onde deveria ser a base azul no fundo da piscina. Profundidade infinita. Viu um rosto nas profundezas, deu dois passos para trás. Apreensivo, olhou de novo, mesma coisa. Retornou rápido para dentro de casa.

Ligou pro filho que morava em outra cidade e contou o ocorrido. Narrou com riqueza de detalhes, enfatizando a agonia e o medo crescentes. Do outro lado da linha, o filho - ele parecia estar acordando - pigarreou, riu sem vontade, disse que o pai, decerto, havia sonhado, e desligou. O velho permaneceu alguns minutos sentado na cadeira, telefone na mão. Em seguida devolveu o aparelho ao gancho. Caminhou resignado de volta à piscina. A água continuava agitada. Formava pequenas ondas arrebentando contra a lateral de fibra, fazendo saltar respingos para os lados.

Aproximou-se, observando com certo temor. A turbidez na água era maior. Um redemoinho se formava no centro, resíduos de algas e outras sujeiras boiavam na superfície. Apavorado, teve certeza; alguém ou alguma coisa está mergulhando no fundo da piscina. Correu na pressa permitida pela idade. Dentro de casa, ligou novamente pro filho, contou esbaforido. Desta vez o filho nem escutou, foi ríspido com o pai, chamou de velho caduco, questionou se o homem não estava bêbado, desligou. As palavras ficaram martelando, feriram. "O Marcelo sabe que não bebo, não mais", murmurou para si. "Desde a morte de Lucélia não bebo mais, tem quase duas décadas." Como o tempo passa, se pegou ponderando sobre isso. Encarou a imagem de velho refletida no espelho dependurado na parede.

Achou por bem ligar para a filha. Discou o número, ninguém atendia, enquanto esperava notou o frasco de Haloperidol caído no chão, junto a cristaleira, mas não deu bola, e fitou os porta-retratos sobre o móvel. Eram fotos de tempos atrás. De quando Lucélia estava viva. Quando a casa era viva também e os finais de semana eram de festa. No entanto, Lucélia morreu, e lentamente tudo foi morrendo. A ligação caiu. A filha deve estar viajando, pensou. É sempre tão ocupada, nunca consegue tempo nem para visitar nem para ligar.

Regressou à beira da piscina. Agachou-se, apoiou as duas mãos na borda. Água aos poucos ficando cristalina e serena, o fundo outra vez no lugar onde deveria estar. De repente ouviu um agitar de águas, olhou pro lado tentando flagrar, não obteve êxito. Olhou para extremidade oposta. Ainda havia borbulhas. Levantou-se determinado. Retirou a camisa, calça, chinelo,

jogou-se na piscina. Mergulhou olhando para todos os lados à procura, tateou as bordas, apalpou o fundo, depois imaginou que deveria ficar quieto, à espreita, quem sabe assim, conseguiria surpreender.

Acomodou-se no canto direito, perto da escadinha, onde as crianças costumavam subir e descer fazendo a maior algazarra. Ali sentou-se. As pernas esticadas, os braços, também esticados. Firmou as mãos contra a base sólida e fria, ficou imóvel, olhos abertos, dessa vez não iria deixar escapar. Olhou para cima, e mesmo debaixo d'água, viu o céu azul com nuvens formando um aglomerado de faces sorridentes. Compreendeu tudo, enfim. Daí não viu mais nada.

Foto: Divulgação

* Jornalista com especialização em Educação, Cultura e Diversidade. Idealizador e editor da Revista Paranhana Literário e Repórter Cultural da Rádio Arteviva. Autor dos livros Dentes no copo de uísque (2019) O cânion de dentro (2016) e Anjos Também Usam Boné (2014). Tem participação em diversas antologias e premiações literárias.

PUBLICIDADE

A MÁGICA QUE NÃO PODE ACONTECER

FERNANDA MELLVEE *
Porto Alegre/RS

Foto: Divulgação

Ele está na cidade outra vez. Por um momento, o horror tomou conta de mim. E se ele estiver de volta por minha causa? E se ele procurar por mim?

Naquele cartaz, a figura quase esquecida jogou-me de volta a um lugar que ainda hoje parece irreal para mim.

A ideia de vê-lo batendo à minha porta me fez recostar na parede e esperar até que fôlego voltasse, para poder sair daquele lugar. Após alguns segundos, recomposta do susto e da lembrança, voltei ao prumo e ao rumo. Percebo que a junção de imagens, a dele com a da minha casa, não tem forças para se manter nem por um segundo. A minha casa, um lugar que ele jamais conheceu e jamais conhecerá.

Quando as meninas me convidaram para ir ao circo, aceitei muito mais por não saber negar do que por vontade própria. Depois de alguns dias de solidão extrema, decidi sair naquela noite. O fato é que se eu não aceitasse o convite, não teria vivido a noite mais absurda e surpreendente de todas que vivi até hoje.

Então, saí com as minhas amigas, como não mais havia feito desde que conhecera meu marido. Imagino que tal foi a surpresa delas, que não hesitaram em bater à minha porta tão logo souberam que o meu marido havia me deixado. Tudo em nome dos velhos tempos, é claro.

"Vocês formam um casal tão lindo." Nós ouvíamos todos os dias e, pela primeira, vez eu me sentia disposta a aceitar a mudança no tempo verbal. O "formavam um casal tão lindo" era uma coisa que me incomodava cada vez menos.

Enfeitei-me como não fazia desde a época de solteira e esperei pelas meninas, que chegaram um pouco depois do combinado. Já estava escuro quando pegamos o bonde.

Andamos pelas ruas da cidade. Em silêncio, eu observava as cores da noite, enquanto elas, ruidosas, tentavam descobrir os segredos da vida de casada e, principalmente, da vida de descasada. Elas queriam detalhes e não se conformavam com a minha tranquilidade em face ao descasamento.

Quando chegamos ao nosso destino, suas vozes se misturaram ao emaranhado de ruídos que vinham de dentro da tenda multicolorida. Caminhamos pelo terreno coberto de grama e quando senti a aragem gelada no rosto, tive ímpetos de voltar para casa, de me refugiar sob as cobertas. O inverno não tardaria em chegar.

O vento fazia vibrar uns cartazes pendurados ao redor da tenda, neles imagens assustadoras me espreitavam. Apressamos o passo, elas na expectativa de encontrar aquelas criaturas que se anunciavam nos cartazes; eu, desejando que tudo aquilo acabasse o quanto antes.

O show já havia começado quando nos sentamos nas três cadeiras disponíveis próximas à saída. Em meio à sussurros e gritos de espanto, duas irmãs siamesas, unidas desde o tórax, demonstravam suas habilidades junto a um piano disposto bem no centro do palco. Minhas amigas se aproximaram da atração ao perceberem uns lugares ainda vagos. Não só recusei a mudança de assento, como saí pelo mesmo lugar por onde havia entrado minutos antes quando percebi que as minhas amigas estavam tão entretidas com a apresentação a ponto de terem esquecido da minha presença.

Do lado de fora era tão escuro que se não fosse pelas luzes coloridas que rodeavam o galpão, eu poderia facilmente me perder. Andei por alguns metros até criar coragem para me juntar às meninas ou voltar para casa sozinha. Cheguei ao limite do terreno onde o galpão fora erguido, mas ao constatar que não havia ninguém na rua àquela hora, decidi encontrar um lugar onde pudesse esperar sentada e em segurança até o final do espetáculo macabro. Então concluí que a separação é também ter medo de andar pelas ruas. Ser mulher é sempre sentir medo. E, pela primeira vez desde que o meu marido foi embora, tive vontade de chorar.

– Está tudo bem, moça?

Esfreguei meus olhos ainda embaçados quando olhei para o dono da voz que se aproximava no escuro. Pela segunda vez naquela noite tive vontade de deixar o local correndo,

mas contive o grito e a pressa.

– Tudo bem sim. – Limitei-me a responder. – Estou esperando por minhas amigas.

– E por que a senhorita não se junta a elas? – Ao sugerir, ele fez um sinal apontando para a entrada da tenda. Pude perceber que sua mão era tão horrenda quanto o seu rosto.

– Prefiro o vento gelado e os insetos a compactuar com o que acontece lá dentro. – Disse a ele, não sem demonstrar certo desprezo por tudo o que aquele lugar encerrava.

– Com o tempo você se acostuma a tudo isso. – Ele sorria. – Veja, aquilo é um pouco melhor.

Ao olhar na direção para onde ele apontava, vi as luzes verdes dos vagalumes como pequenas lanternas.

Sentou-se ao meu lado no banco de madeira e não me disse nada, mas eu sabia que ele estava decidido a esperar comigo, que ele só iria embora quando as minhas amigas chegassem.

De onde saíram aqueles olhos tão azuis? Eu me perguntava, quando olhava para ele. E o que eles faziam num rosto tão sinistro?

Ficamos um tempo em silêncio, mas não sei por que razão o silêncio ao lado dele não era constrangedor. Só por um momento lembrei do meu marido, mas não com tristeza ou saudade. Sorri ao imaginar o que ele diria, logo ele, que se achava o homem mais bonito do bairro, se me visse acompanhada por alguém tão feio.

– E se eu a convidasse para beber um vinho na minha casa, você me acompanharia? – Ele perguntou sério, me olhando nos olhos.

Senti vontade de acompanhá-lo, talvez pelo frio que fazia do lado de fora da tenda ou por perceber o quanto ele era persuasivo. Um homem que olhava nos olhos de um jeito tão profundo, porém nem nos meus sonhos mais absurdos eu teria aceitado o seu convite, se não fosse pelas minhas lindas amigas que se aproximavam de nós com suas caras de espanto.

E com que jeito elas olharam para ele! Um misto de arrogância e desprezo que me deixou enjoada. Ele sorriu ao perguntar se elas não haviam gostado da sua apresentação. Foi nesse instante que lembrei de tê-lo visto no cartaz, logo que cruzamos a cancela: o mesmo cartaz que vislumbro como uma assombração, tantos anos depois.

Chegamos atrasadas, é claro que não assistimos a apresentação. É claro que eu teria voltado com as minhas amigas se elas não tivessem olhado para ele daquele jeito.

Por que aquelas mulheres endeusavam um homem que abandonou a esposa pouco tempo depois de casado por uma aventura, enquanto desprezavam alguém que nem conheciam por causa de aparência? Eu não conseguia entender. Até hoje eu não consigo.

– Vão vocês, queridas. Eu vou ficar. Tem um vinho me esperando, não é mesmo?

Eu disse a elas, enquanto entrelaçava o braço ao do meu novo amigo, mas não dei meia-volta sem antes observar tranquilamente a perplexidade no rosto das duas.

Segui com ele por uns trechos mal iluminados do terreno, enquanto elas se retiravam, com sua não-disfarçada indignação. É impressionante como ele conseguia rir da má educação das minhas amigas e me fazia sorrir também.

Os vagalumes e a música já estavam longe quando alcançamos uma espécie de galpão.

Uma ou duas vezes tropecei no emaranhado de fios que era o chão; duas ou três vezes me atrapalhei com algum degrau, mas ele sempre antevia os meus gestos e me amparava.

– Como alguém pode viver nessa confusão? – Perguntei a ele em tom de brincadeira.

– Com o tempo, você se acostuma. – Ele me respondeu.

A expressão daquele rosto não tinha nada de melancólica, pelo contrário. Mais tarde, dentro pequeno quarto improvisado, como tantos outros que faziam parte daquele galpão, o meu novo amigo me contou que vivia daquela maneira desde muito jovem, quando fora entregue pelos pais ao dono da companhia sob a promessa de uma vida melhor, o que de certa forma se concretizara, pois ele já havia economizado o suficiente para uma deixar aquela experiência no passado. Além do mais, ele me disse preferir a precariedade das habitações improvisadas e a vida nômade do que a solidão a que estava condenado fora daquele pequeno universo.

Respondi a ele que de solidão eu entendia, sem dar detalhes sobre a forma como ela se abatera sobre a minha vida nos últimos tempos.

Então bebemos, em princípio, à solidão. Em seguida, brindamos ao extraordinário dos dias que havia me levado a aquele lugar. Até hoje não consigo lembrar qual o motivo do próximo brinde, mas ele sempre sorria e me olhava como nenhum homem jamais havia olhado. Como eu jamais tornei a ser olhada.

Não sei se foi devido à bebida ou por causa da estranheza da circunstância – afinal, não é todos os dias que a gente vai parar no quarto de uma atração de circo – mas tudo parecia irreal. Eu me movia pelos espaços como se os meus pés não tocassem o chão, e tudo estava coberto de cor e de luzes por todos os lados. Ainda mais fantástico foi quando ele me tocou.

Nos primeiros instantes tentei me fixar no azul, sempre no azul daqueles olhos. Eu poderia dizer que ele era bonito, apesar da condição tão

peculiar que o havia levado até aquele lugar. Não, ele era bonito. Bonito sem apesar.

Olhando nos olhos dele eu me perguntava se aquele homem teria sido admirado antes, se alguma mulher já havia enxergado a beleza dele, como ela era tão clara para mim. E então ele me beijou e o seu beijo era ainda mais irreal, como aquilo que acontece nos contos de fadas, que desperta as donzelas, que acaba com todas as maldições. E se um milagre acontecesse?

Por um segundo, foi como se eu não estivesse ali. Estive alheia aos meus sentidos, mas podia ouvir ao longe os sons de uma melodia feliz. Naquele beijo matei a saudade das coisas que eu jamais vou viver.

Nem os primeiros amores, com seus beijos roubados entre as árvores no pátio da escola, tampouco o meu marido nos dias de maior paixão, haviam me beijado daquela maneira.

Só havia luz quando ele me levou para a cama, apesar da escuridão do quarto. E o jeito como ele me tocou eu jamais vou esquecer. Eu fui a mulher mais bela do mundo naquela noite e a mais desejada e a mais feliz. Uma felicidade só possível porque breve.

Eu me esforcei para fazer a noite mágica para ele também. Retribuí a todas as suas carícias, com cuidado para não ferir a sua pele. Aquela pele. E nós fomos mais longe do que jamais poderia imaginar e chegamos juntos a um quase amanhecer rosa e púrpura que eu enxerguei por um vestígio de janela.

Com dificuldade, me desvencilhei do seu corpo, inerte e pesado como o de uma criança que dorme. A expressão no rosto dele era tão doce e leve que me fez lamentar por não poder enxergar o azul daqueles olhos pela última vez.

Ao deixar o bilhete do lado do seu travesseiro, lembrei das últimas palavras que ele me disse antes de adormecer: não vá embora nunca mais. Escuto essas palavras ainda hoje a cada reunião de trabalho do meu marido que termina no meio da noite e nas saídas dele nos finais de semana sob um pretexto qualquer.

Quando o meu marido voltou para casa, poucos dias depois, implorando para que eu o perdoasse, explicando que a traição e as semanas de abandono haviam sido um lapso, eu já sabia que os próximos anos seriam de solidão a dois. E como aquelas palavras doem, quando penso que as retribuí com "eu sou casada" rabiscado num bilhete.

Refiz sozinha, passo por passo, o trajeto do bonde. Não conseguia ter medo das ruas desertas, não conseguia sentir nada. Era como se eu houvesse abandonado o meu corpo, como se eu ficasse a cada passo mais longe de mim.

Quando, mais tarde, tive coragem de me ver no espelho, não consegui reconhecer aquela imagem, muito menos aquele esboço de sorriso que ameaçava transfigurar o meu rosto.

Os dias transcorreram normais após a vinda das minhas regras pela primeira vez atrasadas, o que jamais tornou se repetiu em todos esses anos.

Fazia muito tempo que eu não pensava no meu único amante, até essa tarde. Passei uns largos minutos dividida entre o terror que a possibilidade de um encontro entre ele e o meu marido me causava e a força das palavras "única apresentação".

Deitei-me no sofá vendo a tarde morrer pela janela aberta. A coragem não demorou a chegar com aquela noite, que sem dúvida, era noite de reunião para o meu marido.

Depois de um banho, vesti o meu vestido mais bonito, usei perfume importado e a maquiagem mais delicada. Eu queria estar mais linda do que nunca. Eu queria ser a princesa. E saí.

Após tomar o bonde, refiz o trajeto de anos atrás sem aquelas amigas que nunca mais tornei a ver, que desapareceram após ficarem sabendo que eu havia reatado o meu casamento.

Não demorou para que eu enxergasse as mesmas luzes, os mesmos sons. As pessoas ao redor eram outras. Seria eu a mesma?

A apresentação já havia começado, quando encontrei uma cadeira disponível umas poucas fileiras distantes do palco. Eu o reconheci de imediato e quando senti a luz azul sobre mim, agradeci aos céus pela bênção de poder rever aqueles olhos. E pela segunda vez, eu tive a certeza de que ninguém, em lugar algum, olharia para mim como só ele pode olhar.

Ele estava igual, como se guardasse todos os segredos do tempo, e não havia acontecido o milagre. Ele estava do mesmo jeito. Mas como transformar em príncipe alguém que já é?

Antes que ele deixasse o palco e viesse falar comigo, deixei a tenda quase correndo. Eu fui até aquele lugar apenas para que ele me olhasse mais uma vez. Voltei para a minha casa silenciosa e para a minha vida vazia. Não posso desejar viver um conto de fadas, eu sou apenas uma mulher comum.

Foto: Divulgação

* Escritora, tradutora e editora. Publicou "Amarga Neblina", que foi finalista do Prêmio Kindle em 2018, "Atrás da cortina" (2020) e o livro de contos "Ausente noite" (2020).

SAPATOS LIMPOS

SCHLEIDEN NUNES-PIMENTA*

Foto: Divulgação

Algo tocou seus pés e foi o bastante para acordá-lo.

Olhando para a rua, notou os primeiros carros a cortar os sinais vermelhos da madrugada, castigando o asfalto ainda gelado. Estava acostumado, todos os dias eram assim. No entanto, sempre agradecia por ter onde morar, e por mais um dia, e esses pensamentos ele nunca se esquecia de rezar.

Lavou o rosto e aprumou seu terno bem passado e cuidado, limpo de maneira que em todas as manhãs parecia vestir um novo; os cabelos sempre penteados e cortados, a barba um pouco grande – é verdade –, mas porque gostava e não por desleixo só. Guardou a roupa com a qual dormira e, observando a cidade que aos poucos despertava lá embaixo, seguiu seu caminho para o trabalho. Era uma tarefa difícil, fazia-se necessário que lidasse com muitas pessoas, de lugares diferentes, jeitos e culturas diversas, e a sua argumentação e a sua técnica eram cruciais para a efetivação dos negócios – talvez, não tão cruciais quanto o sorriso que sempre deixava estampado no rosto ou a simpatia e a educação, mas eram importantes também.

Teve de aprender seu ofício sem que ninguém o ensinasse, e, da primeira vez em que procurou emprego, sofreu uma das mais terríveis humilhações. Mas tudo é aprendizado debaixo desse céu, dizia ele. Àquela altura da sua carreira colhia respeito, por onde caminhava era cumprimentado, nos corredores o recebiam com um tenro sorriso e os chefes o adoravam. Ouviu tantas vezes a frase "o trabalho dignifica o homem", e acreditava tanto nisso, que imaginou receber o fruto dos seus esforços assim: trabalhando. Uma vez, um dos seus clientes perguntou se apenas o trabalho dignifica o homem, pois, assim, aquele que por ocasião de saúde não pode trabalhar não teria dignidade também. Chegou à conclusão de que haveria outros modos de se alcançar essa tal dignidade, mas o seu caminho seria o trabalho honesto e a dedicação, a responsabilidade e a boa educação.

Aconteceu que, neste fatídico dia, envolto em uma de suas conversas filosóficas com algum cliente, perdeu por um momento o sorriso que portava noite e dia, e eis que, quando tal sujeito pisou em seu campo de labuta, nosso trabalhador logo notou como os sapatos daquele homem estavam sujos. Os sapatos podem demonstrar a personalidade de uma pessoa, ou, na pior das hipóteses, o quão alguém é organizado, higiênico e vaidoso. Aqueles sapatos, em especial, estavam maltratados por demais. Logo desvencilhou seu olhar dos seus pés e o cumprimentou educadamente, fitando-o nos olhos e convidando-o a se sentar.

— Muito bom dia, meu senhor!

— Pois este será mesmo um grande dia! – respondeu quase irônico, se é que irônico não foi, pairando à implicância, e, sem que precisasse perguntar-se mais nada, o homem dos sapatos sujos dispôs-se a contar breve e euforicamente os últimos dias que vivenciou. Contou que trabalhava apenas algumas horas por dia, mal-assinando alguns papéis mal-lidos e mal-escritos em muitas das vezes, despachando ordens, sentado em sua cadeira importada e mergulhado no conforto de um aparelho que condicionava o ar – de modo que enquanto cá fora ventava, dentro de sua saleta se acalorava e vice-versa – e, sem que precisasse perguntar, de novo, o homem que trabalhava pouco exclamou contente que conseguira seu posto após a indicação de um parente influente.

— Ora, que felizardo és! – pasmou-se diante de seu cliente, pasmado.

Mas, eis que quando começou a contar sobre todas as suas regalias e todo o conforto da sua casa, sem que fizesse o mínimo esforço, foi informado que o serviço terminara. Retirando algumas notas do bolso, pagou-lhe com sobras às quais chamou de esmolas – e com os sapatos agora limpos e brilhantes seguiu seu rumo afora, desligou o alarme do carro e queimou seus pneus no asfalto já aquecido do trânsito intenso.

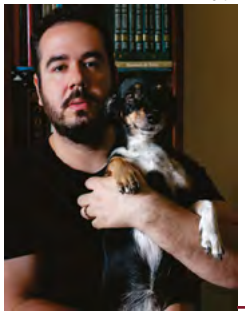
Enquanto seu mais novo cliente partia, sentindo-se estranho nosso protagonista guardou as notas recebidas no bolso. Pegou sua caixa de engraxate, aprumou os cabelos no vidro de uma vitrine qualquer e seguiu a passos lentos de volta também para a sua casa. Os corredores pelos quais caminhava e todos o cumprimentavam eram as ruas, e a sua empresa não possuía sede determinada – podia ser aqui, acolá, quando e onde o chamasse, pois seu serviço era bem feito. Dia e tarde, às vezes à noite, andava pelos cantos e becos limpando os sapatos de alguém – mas os seus estavam sempre limpos...

E andou e pensou e trabalhou tanto àquele dia, que quando deu por si já escurecia. Retornou ao seu lar, trocou de roupa e guardou seu terno engomado, lavou o rosto e pensativo foi dormir. Mas, do outro lado da rua, olhando pela transparência dos vitrais de um restaurante caríssimo, dois homens conversavam sobre o mesmo assunto que eu converso agora convosco. Um deles contando ao outro sobre a história daquele trabalhador, descansando a cabeça na sua caixa de engraxar, ali no canto de uma calçada qualquer e a olhar o teto do seu lar a brilhar. Ao final do conto, diante de seu prato que nem em uma garfada se arranhara, a tristeza daquele ouvinte perguntou, baixinho, para a vida, sobre o mérito dos que vivem. Mais que isso, indagou-a sobre o mérito de quem trabalha e, além, clamou à Justiça. Ao passo que se a Justiça tivesse boca, exclamaria:

— Há alguma coisa de errado aqui...

O teto do seu lar era no céu ao reluzir de qualquer estrela; o seu despertador, alguém que o chutava pela manhã; a sua educação, estampada não em títulos mas sim no se abrir verdadeiro de alguns sorrisos; o seu travesseiro, um pedaço de madeira. Mas os seus sapatos estavam sempre limpos.

Foto: Divulgação



Escritor, filósofo e jurista. Autor de “Contos Jurídicos” “A bruxa de Paris” e “De volta à Recoleta”.

Foto: Divulgação

À DERIVA

MARCELO MARTINS SILVA *
Porto Alegre/ RS.

Olhei para as mãos de Raquel; magras, dedos longilíneos, unhas feitas, porém sem esmaltes. Estava sozinha na mesa, revelava ansiedade ao digitar com rapidez no celular. Fiquei observando de longe seus cabelos castanhos claro pouco ondulados, o rosto delgado, olhar miúdo e pensativo. Era Raquel e suas dúvidas, incerta quanto ao que estava fazendo, confusa a respeito do que sentia e como, ou porque, se via compelida a pôr toda a sua vida em jogo. Filhos pequenos - Ana e Rafael, o cargo de diretora na escola, a carreira acadêmica, certa vaidade e prestígio, a imagem que tinha de si mesma. Devia estar se perguntando por que se atrevia a arriscar aquilo que de mais caro possuía; a rotina arduamente perseguida e moldada ao longo dos anos.

Em minha defesa digo que não me propus a corrompê-la, invadir silenciosamente sua vida com um linfoma maligno ou com a violência dos tornados. Não havia me programado para conhecê-la, ao contrário, continuo a desconhecendo. O que sei a seu respeito é involuntário, fragmentos que se foram descolando de sua boca enquanto nos deixávamos abandonados na cama como que distantes do núcleo de nós mesmos. Raquel se distendia pelo colchão, jogava as pernas por sobre meu corpo e falava, lúcida e impassível, de sua vida como se comentasse a existência de outra pessoa. Creio que tenha sido ela a me escolher, que estava decidida antes que eu a tivesse olhado pela primeira vez, antes que em minha mente surgissem as primeiras e nebulosas evocações da sua presença. Porém, não nego que lhe estendi a mão de ossos duros e fraturados, que ajudei a escrever as promessas - depois sussurradas e repetidas ao ouvido, de que nada mudaria no concerto monolítico de nossas vidas, e também de todas coisas que não foram ditas. Acordamos um contrato de cláusulas ignoradas. Ainda assim lá estava Raquel saída do meio das horas de uma tarde abafada de dezembro, blusa branca e calça jeans, iluminada por um facho de luz que cruzava o ambiente e repousava em seu rosto. Poucas vezes voltaria a vê-la tão bela, dotada de uma inocência que não existia entre nós, assombrada por temores que eu não podia garantir serem infundados. Eu também os sentia. Não era vergonha de sermos expostos, talvez algo mais próximo da excitação ou do terror que invade o preso na antessala da morte à espera do destino que se lhe apresenta inexorável. Certa resignação. O medo de que Raquel se tornasse para mim uma necessidade e em algum momento um de nós fosse arrebatado pela armadilha, tanto equivocada quanto ingênua, de estender ao outro o idílio dos amantes: a fuga, outro tempo, outra vida. Não há como remediar as ilusões. Porém, nessa época vivíamos o desconhecido, a beleza selvagem do infortúnio. Raquel sorriu e penetrou seus olhos nos meus. Tive vontade de tomar seu rosto entre as mãos; contive o ímpeto. Então sentei à mesa e conversamos futilidades amenas naquela meia hora, contando secretamente os minutos que nos separavam do acanhado quarto de hotel. Só depois de muito tempo é que fui entender que já estávamos distantes, à deriva no mar.

* Escritor, professor de Língua Portuguesa e Literatura e educador social. Criou a oficina "A poesia é um atentado celeste" que fez parte da programação da Festipoa Literária 2019, e foi um dos idealizadores e apresentadores do podcast de poesia Cafuné com Mandinga. Publicou "O que carrego no ventre" e "A Matéria Inacabada das Coisas."

Foto: Divulgação

Foto: Divulgação

A TRAIÇÃO DE GIULIA

KRISHNA GRANDI *
Gramado/ RS.

Quando Giulia acordou, sentiu a lingerie pinicar, então colocou o dedo entre a peça íntima e sua bunda e puxou com sua preguiça matinal. Bocejou e verificou as horas no seu celular. Estava atrasada para trair.

Do outro lado da cidade, Otávio pagou suas compras de supermercado. Viu o relógio atrás do balcão e suspirou aliviado. Daria tempo de preparar uma surpresa para o seu amor. Ele pegou as chaves do carro e dirigiu de volta para o seu apartamento. Ao chegar, ficou cismado, a cama estava vazia.

No bairro central, Ana verificou as horas na torre da Igreja. O sino revelava que ela estava adiantada. Conferiu se a cor da calcinha combinava com a cor do sutiã que vestia. Roeu a unha do polegar enquanto olhava fixamente para os ponteiros.

No apartamento de Lucas, uma música ambiente já rolava por entre os cômodos. Na sala, um retrato na estante carmim mostrou o seu companheiro envolto nos braços de Lucas. A campainha tocou e pela porta entrou Giulia.

Aos beijos e carícias foram amassando-se até o quarto. Giulia mordia os lábios inferiores do Lucas com pressa. Afoita também tirava seu vestido. Ele aproveitava os braços erguidos da moça para lamber-lhe os seios. Ela se virou de costas pro rapaz e abaixou a calcinha. Lucas colocou seu pênis entre as pernas de Giulia e entrou na vagina dela, movimentando lentamente, até gozar, por fim e sentir o líquido escorrendo pelo seu membro. Giulia olhou para o relógio em cima da cômoda ao lado da cama. Precisava ir embora. Antes de ir, Lucas perguntou se ela o amava. Ela respondeu que sim.

Perto da Igreja, Ana estava na sombra. Mandou um áudio para seu namorado, avisando que saíra mais cedo de casa, enquanto ele não estava. Sentiu a garganta secar e andou para uma barraquinha que estava na esquina. Ao passar pela Igreja, fez o sinal da cruz, olhou ao redor e estremeceu quando a viu.

Giulia pegou o rosto de Ana e a beijou com vontade. Ana apertou o corpo suado de Giulia e logo a puxou para outro caminho. Longe da Igreja, longe do público. Dentro de uma casa em construção, o silêncio se fez lei. Ela perguntou se ele gozara dentro dela. Ela disse que sim. Ana, então, ajoelhou-se e levantou o vestido de Giulia. Ela abaixou a própria calcinha gozada e afastou um pouco as pernas. Ana encaixou-se entre as coxas de Giulia e começou a lamber-lhe seus lábios. Ela saboreou-se com o gosto da amante. Giulia coloca a mão nos cabelos loiros da outra e a puxa mais para si. Giulia sente o coração acelerar e as pernas a amolecer. Ana tirou a calcinha de Giulia e guardou no bolso de seu jeans. Giulia cochichou entre suspiros que precisava ir embora. Ana respondeu que gostava do sabor do Lucas.

Subindo as escadas de dois em dois, Giulia chegou no apartamento que dividia com Otávio. Ele comentou sobre a noite que tivera com Lucas. Ela suspirou pelo dia que teve. Colocaram as fofocas em dia e almoçaram no meio da tarde juntos. Ela sorriu e colocou a mão sobre a mão de seu amigo. Após a refeição, Giulia volta a deitar em sua cama de lingerie. Ajustou o despertador do celular e fechou os olhos.

* Publicitária, Escritora e Atriz. Escreve no site www.krishnagrandi.com em que compartilha crônicas no blog Beijos e Bilhetes - Crônicas de uma Jovem Mulher.

Foto: Divulgação

O CANAL ACONTECE NOS LIVROS

Foto: Divulgação

O mineiro de Ituituba, Whisner Fraga, tem engenharia como primeira formação e já publicou 12 livros de ficção. o primeiro, "Coreografia de danados", em 2002, e o último, "Usufruto do demônio", também em 2022. Se não bastasse a vasta produção literária, o escritor, de 51 anos e que vê a intolerância e falta de diálogo como um dos males contemporâneo, achou por bem criar um canal no yotube. E assim, em outubro de 2018 surgiu o canal Acontece nos livros, trazendo resenhas e muita informação sobre publicações e autores.

O Como surgiu o canal Acontece nos Livros e por quê?

Escrevi resenhas para jornais, outros periódicos, nos anos 1990, 2000, depois parei, era cansativo, trabalhoso. Só que eu lia bons autores, sentia essa obrigação de falar sobre eles, mas não queria nada escrito, mas algo mais rápido, sem o rigor que uma publicação exige da gente. a saída foi o canal, então – ainda que eu não seja bom com vídeos e comunicação, mas foi o jeito que encontrei de conciliar meu tempo com essa necessidade de falar sobre obras interessantes. Claro que isso tudo acabou sendo uma ilusão, porque o canal demanda muito esforço.

Como são escolhidos os livros que serão avaliados?

Escolho todas as obras. Claro que aceito sugestões, gosto quando me passam algum livro para que eu leia, mas não há um conselho editorial. Escritores me enviam romances, volumes de contos, poesias, leio tudo. Compro muito também (não tenho parcerias com editoras). O critério de seleção é a qualidade e eu só falo sobre livros que considero bons. Quando escrevia para jornal não havia essa liberdade, a obra estava ali e eu devia falar sobre ela e muitas vezes eu acabava criticando, porque era ruim mesmo, o que nunca é bom nem para o resenhista nem para o autor, então parei. Há muito melindre no meio literário. no canal acontece nos livros você não vai me ver pegando pesado com ninguém. Claro que faço lá minhas ressalvas, mas se resenhei é porque é bom, segundo meus critérios de qualidade.

> O critério de seleção é a qualidade e eu só falo sobre livros que considero bons

Como tu "avalia a vida" dos autores nacionais contemporâneos diante da invasão maciça dos best sellers internacionais?

É ruim! O próprio escritor brasileiro, de maneira geral, não sacou ainda que literatura é uma profissão, de maneira que ainda está naquela de idealismo, de dom e de vaidade. É ruim pra todos nós, porque fica a sensação de amadorismo, de que fazemos literatura somente por amor, fica parecendo sacerdócio, quando é também um negócio e precisa

Foto: Divulgação

ser fortalecido como mercado. Dito isso, somos reféns de um mecanismo brutal, especialmente norte-americano, com um olhar extremamente profissional e mercantil, com uma estrutura assustadora, que permite aos escritores ianques levar uma boa grana dos brasileiros e de leitores do mundo inteiro. O resultado óbvio é que temos uma meia-dúzia de autores nacionais que vive de literatura, ainda assim não exclusivamente de direitos autorais. Há a parcela de culpa de meus colegas de profissão, que não leem os pares, não contribuem para o fortalecimento da cadeia do livro aqui em nosso país. Fomentam também esse apego ao que é de fora, sugerindo livros de estrangeiros. Não afirmo, com isso, que não devemos ler o que se produz lá fora, é nossa obrigação, como leitores, ler tudo o que de bom é escrito, mas a balança está pendendo muito para o outro lado. Basta ver os canais de literatura do youtube para comprovar isso que declaro aqui, pouco se fala de literatura nacional.

Tu achas que um escritor, ou um aspirante a escritor, hoje em dia, precisa necessariamente estar presente na internet? Ou ainda há espaço para o escritor recluso?

Tudo depende do que o escritor deseja. A literatura é uma profissão como outra qualquer, o que significa que os contatos, a panelinha e as bajulações são fundamentais, mas também não são o único caminho. O escritor pode ser recluso, no sentido de não frequentar panelinhas, pode estar longe das redes sociais, mas terá muito mais dificuldade para ver a obra circular. De qualquer maneira, não há caminho fácil para o escritor brasileiro, a adulação não é tarefa óbvia, as confrarias normalmente não aceitam novos membros e as redes sociais requerem quase uma onipotência do escritor e isso tudo para, no melhor dos mundos, vender mil exemplares em dois anos.

Por que tu achas que as pessoas leem ficção?

Por prazer estético, inquietação, mas os que sentem isso são minoria. prova disso é que a autoajuda vende muito mais, agrada muito mais. Pensar dá trabalho.

Tu acreditas que a literatura tenha uma utilidade?

É que este termo carrega uma semântica um pouco viciada. Não acredito no utilitarismo, como se houvesse uma obrigação de serventia naquilo que foi produzido. A arte pode acabar refém dessa responsabilidade, desse compromisso, o que nunca é salutar. Não estou declarando que a literatura engajada seja melhor ou pior do que qualquer outra, mas sim que é a estética a responsável por transformar um texto em arte. A matéria-prima da arte literária é a linguagem, o resto nem importa, a priori. No sentido de criação, não há que se procurar uma utilidade para o que se escreve, embora invariavelmente, como produto de um esforço criativo, acabe por ser útil, senão para um público, para o autor, o que tanto faz para a literatura.

Quais os novos planos do autor Whisner Fraga e do canal Acontece nos Livros?

Como ficcionista estou com três projetos em andamento: ano que vem público outro livro de contos "usufruto de ruínas", que dialoga (como obra aberta) com "usufruto de demônios". Também uma antologia de contos em parceria com Gabriel Morais Medeiros e Fábio Mariano. Adiantado também está um romance sobre a experiência (vou usar esse termo mais brando) política dos últimos cinco, seis anos. Este fica para 2024. Pretendo continuar com o canal, mas ainda pensando como será o formato em 2023, discutindo com amigos, analisando possibilidades, mas não quero parar.

O www.youtube.com/acontecenoslivros
www.youtube.com/whisnerfragaminicontos
Instagram: @acontecenoslivros e @whisnerfraga

Por Brígida De Poli *

O AMANTE DE LADY CHATTERLEY

Foto: Divulgação

O escritor britânico D. H. Lawrence é autor de grandes romances como " Filhos e amantes" (1912) e "Mulheres Apaixonadas" (1910), mas tornou-se mais conhecido ao causar um escândalo com seu "O Amante de Lady Chatterley", proibido na Inglaterra mesmo antes de seu lançamento. O livro foi publicado clandestinamente na França e durante muito tempo lido às escondidas, como se fosse pornografia. Mas, a obra é bem maior que a polêmica moralista e retrata com maestria o puritanismo da era vitoriana, o desejo e a sexualidade feminina, embora – em tempos politicamente corretos - alguns a considerem uma visão machista. Proibido na Inglaterra até 1960 e só liberado após um longo processo judicial sobre obscenidade, mais tarde "O Amante de Lady Chatterley" entraria na lista dos cem maiores romances em língua inglesa do século XX.

A ousadia de D. H. Lawrence não foi só mostrar uma situação de adultério, mas unir uma jovem burguesa ao guarda-caças da residência rural onde ela vive com o marido, um aristocrata que voltou impotente da guerra. Os encontros sexuais de Constance Chatterley e o empregado, Oliver Mellors, são descritos em detalhes por D.H.Lawrence , usando "palavras inapropriadas" para a moral da época. Por trás de tudo, porém, Lawrence conseguiu captar de forma extraordinária uma sociedade em transição. Desde sua liberação, o livro recebeu várias reedições e algumas incluem o texto " A propósito de Lady Chatterley", em que o autor comenta a controvérsia em torno do livro e justifica suas intenções literárias. Vale a pena conhecer toda a obra do escritor, incluindo esse que foi seu último romance.

"A ousadia de D. H. Lawrence não foi só mostrar uma situação de adultério, mas unir uma jovem burguesa ao guarda-caças da residência rural onde ela vive com o marido, um aristocrata que voltou impotente da guerra."

As adaptações

Muitas foram as adaptações de "O amante de Lady Chatterley" para o cinema e a televisão. A mais recente chegou há pouco na Netflix e tem dividido opiniões, apesar de ter recebido 88% de aprovação no importante site Rotten Tomatoes. Dirigido pela francesa Laure de Clemont-Tonerre, o filme traz Emma Corrin, a atriz que interpretou a primeira Lady Di, na série "The Crown", no papel de Constance.

Saindo na frente, os franceses foram responsáveis , em 1955, pela primeira versão cinematográfica de "O amante de Lady

Chatterley". Apesar de bem mais casto que os demais, o filme chegou a ser banido nos Estados Unidos por "encorajar o adultério", sendo liberado quatro anos depois por decisão da Suprema Corte.

No Reino Unido, a adaptação de 1981 investiu no erotismo, a começar pela escalação da atriz principal: Sylvia Kristel era famosa pelos papéis sensuais, principalmente na franquia cult " Emanuelle". A direção é de Just Jaeckin.

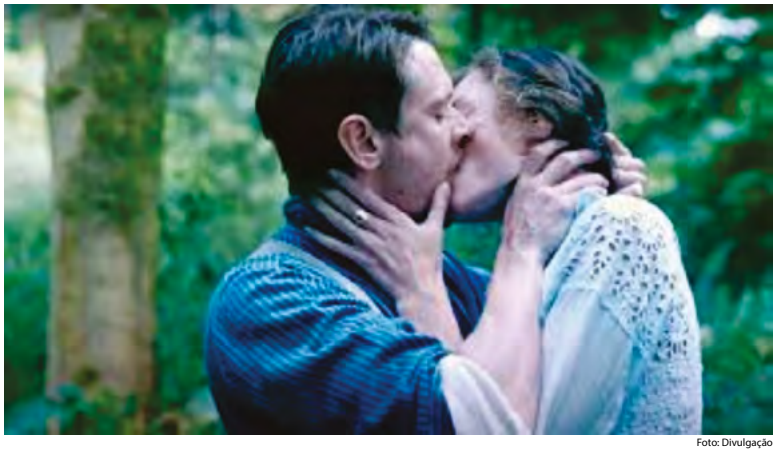


Foto: Divulgação

Os italianos fizeram sua versão, em 1989, com " La storia di Lady Chatterley", dirigida por Lorenzo Onorati, com Bruce Williams e Malú.

Em 1993, Ken Russel dirigiu "Lady Chatterley", com Joely Richardson e Sean Bean. O britânico, considerado um cineasta controverso , havia adaptado outro romance de D.H. Lawrence, "Mulheres Apaixonadas", em 1969. Considero uma das melhores já feitas com base na obra do escritor.

Outra versão francesa é de 2006, com direção de Pascale Ferran, que preteriu as cenas eróticas e focou na transformação que os dois amantes sofrem ao longo de sua convivência.

A BBC também investiu na história e produziu " O amante de Lady Chatterley", em 2015. Oliver Mellors, o amante, é vivido por Richard Madden, conhecido por participar da série "Game of Thrones" e de "Rocktman", biografia de Elton John. É uma versão mais romântica, com belíssima produção.

Para quem não conhece, vale muito a pena descobrir outros aspectos da obra de D.H. Lawrence, pela excelência de seu texto e pela capacidade de abordar temas que continuam atuais noventa e quatro anos depois. Estamos em 2023, mas a máxima do escritor britânico continua fazendo sentido em nossa época: para o puritano tudo é impuro.

Sobre D.H. Lawrence

David Herbert Lawrence nasceu em Eastwood em 1885. Estudou na Universidade de Nottingham , foi professor até 1913, atividade que abandonou por doença, dedicando-se então à literatura. Em 1912, D. H. Lawrence foge para a Alemanha com Frida Weekly, mulher do seu antigo professor de línguas. Casam em 1914, quando regressam a Inglaterra e passam a viver precariamente da sua produção literária.

D.H. escreveu " Filhos e Amantes", "O Arco-Íris" , "Mulheres Apaixonadas" (1920) - livro recusado pelos editores ingleses e publicado anos depois em Nova Iorque - "A virgem e o cigano", "A serpente emplumada".

Foto: Divulgação

Além destes, escreveu outros romances, contos, poemas e ensaios, livros de viagens e peças de teatro. Morreu em 1930, aos 44 anos.

Foto: Divulgação

Jornalista, cinéfila e seriemaníaca, assina as colunas "Crônicas" e "Cine&Séries" do Portal Making Of, autora do livro "As mulheres da minha vida"- crônicas.

Por Heidi Gisele Borges *

O MENINO QUE CAIU NO BURACO

Foto: Divulgação

O menino que caiu no buraco (2004, Editora SM, 96 páginas), de Ivan Jaf, conta a história desse garoto que devia ir para a escola, mas resolve desviar o caminho e ir atrás de uma borboleta azul e é isso que o leva a cair num poço de mais ou menos seis metros, num lugar que a mãe disse para não ir.

Lá dentro, depois do desespero inicial, ele passa a organizar tudo o que tem na mochila, e diz que sua mãe ficaria orgulhosa dele por isso. Tudo tem uma utilidade.

Faz coisas que aprendeu com o pai, como pregar um prego (no caso, um lápis) na parede e escreve uma bonita frase num papel que o dependura nesse lápis-prego. Ele mostra que todas as pequenas coisas do dia a dia ensinadas pelos pais se tornam úteis em algum momento da vida.

O menino passa a pensar sobre sua vida ao longo de 13 anos, dessa forma sabemos tudo: que o pai vive deitado, mesmo que não tenha qualquer doença física, triste e sem vontade de se levantar; a mãe é batalhadora e segura as pontas da depressão do marido.

A família é muito pobre e o menino sente vergonha de tudo, dos livros usados, das roupas velhas, dos materiais que faltam... Ele sente orgulho de uma caixa de lápis de cor bonita que ganhou e guarda com cuidado.

Sente vergonha do lanche, pão com mortadela, leite e bolachas, que a mãe arruma todos os dias e ele come escondido. Nessa parte recordei minha infância, na época da escola, que eu levava lanches parecidos e comia na sala, durante a aula mesmo, porque sempre fui muito gulosa! E nunca senti vergonha, e fico feliz por isso, ou hoje teria vergonha de quem eu fui.

O capítulo "O poço dentro do poço", no qual o menino reflete sobre sua vida, sugere um poço interno e, também, um poço que se cava. O poço pode ser alegórico, um mergulho em si, sobre como o menino se sente em relação a tudo a sua volta, todos os seus problemas e como sair desse buraco.

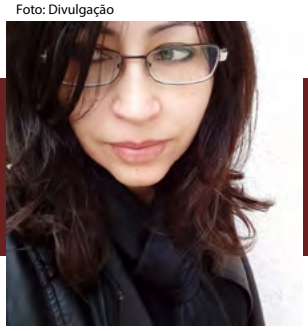
É comum que muitas vezes se pense que a criança, por não ter certa "vivência" do adulto, não tenha sentimentos profundos e não perceba o que acontece em volta. Mas elas são mais sensíveis, não têm filtros como os adultos, que não demonstram ou se blindam de certos sentimentos. As crianças recebem mais e percebem mais os detalhes que muitas vezes não vemos.

O livro, que faz parte da coleção Barco a Vapor, da editora SM, e traz ilustrações de Weberson Santiago, fala sobre descobertas, conhecimento, sobre crescimento e amadurecimento, tanto das crianças quanto dos próprios adultos. E sobre respeito aos pais é às regras.

"O menino ia pregar aquela frase na parede de seu quarto: 'A gente não tem o direito de desistir.'"

Adquira o livro na Amazon:
https://amzn.to/3C24rU0

Foto: Divulgação



* Autora dos livros juvenis O menino que perdeu a magia, Um segredo de Natal e Histórias de Fantasia, pela Editora Estronho, e de diversos contos de horror. Escreve resenhas também na revista Mestres do Terror e no site becodonunca.com.br.

COMO PUBLICAR NA REVISTA PARANHANA LITERÁRIO

Nosso objetivo é divulgar novos escritores/artistas e produções por meio de publicações bimestrais gratuitas. Os autores não receberão remuneração pela publicação de suas obras, pois a revista e/ou site não visam ganho comercial com a publicação.

A escolha das obras selecionadas será determinada pela comissão editorial.

A comissão editorial é constituída por pessoas com ampla formação em áreas voltadas ao conhecimento literário.

Somente podem participar pessoas com mais de 18 anos. Menores precisam encaminhar autorização assinada pelo responsável.

A revista poderá armazenar as obras selecionadas para uso em uma das duas edições subsequentes.

No ato do envio, o autor concorda em ceder os direitos de reprodução e divulgação da sua obra para a revista Paranhana Literário, exclusivamente para publicação na revista e divulgação desta.

A revista Paranhana Literário publicará a obra selecionada em apenas uma edição, em formato digital, também poderá usar nas redes socias de divulgação da revista, sempre respeitando o acordo de não lucrar sobre as obras publicadas.

O autor autoriza a revista Paranhana Literário a realizar correções gramaticais na obra, contanto que objetivem a correta utilização da língua portuguesa. Caso haja necessidade de alterações de conteúdo e/ou forma, um editor da revista entrará em contato para discuti-las.

O autor declara que sua obra é original e se responsabiliza por qualquer ação judicial que possa ser movida contra ele, isentando a revista Paranhana Literário e seus representantes de qualquer responsabilidade.

É vetada a utilização de personagens ou fatos reais que tipificam crimes contra a honra e os direitos humanos.

Serão aceitas somente produções originais. Releituras serão aceitas apenas se produzirem um resultado criativo e original.

Não há limite de quantas obras um mesmo autor pode enviar, no entanto, somente uma obra de cada autor será selecionada e publicada por edição.

A Revista Paranhana Literário não entrará em contato com autores informando se o texto foi ou não aceito ou por quais motivos algum texto não tenha sido aceito.

TAMANHO E FORMATO:

Os critérios primários de avaliação PARA CONTO, CRÔNICAS e POESIAS são: enredo (verossimilhança, coerência, objetividade, complexidade de trama e personagens), ritmo (coesão, parágrafos e períodos) e criatividade (originalidade, construção de mundo, imprevisibilidade). Os secundários são: adequação ao gênero proposto, foco narrativo, expressão, relevância, gramática, ortografia, reflexão, imersividade.

Os textos devem ser enviados em um único arquivo Word (.docx). O conteúdo de cada arquivo deve ter 1 página para POESIA, até 2 páginas para CRÔNICA e até 3 páginas para CONTO, com todas as margens de 2 cm, na fonte Times New Roman, em tamanho 12 e espaçamento de 1,5.

É necessário uma minibiografia do autor, com até 600 caracteres. Anexar links de contato de divulgação da sua obra (p. ex., Facebook, Instagram, Wattpad, portfólio, blog, Flickr, etc.) e locais de aquisição das obras (caso já tenham livros publicados).

Enviar junto foto do autor em boa qualidade (no mínimo 600 x 540 pixels).

Quer participar da
próxima edição?

ENTRE EM CONTATO:

editor@jm2d.com.br